



MARIANA RODRIGUES BRESSAN

O ENSINO DE LIBRAS EM UM CONTEXTO DE ESCOLA TÉCNICA: O QUE
PENSAM AS PESSOAS OUVINTES

CAMPINAS

2013

i



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
Faculdade de Ciências Médicas

MARIANA RODRIGUES BRESSAN

O ENSINO DE LIBRAS EM UM CONTEXTO DE ESCOLA TÉCNICA: O QUE PENSAM AS
PESSOAS OUVINTES

ORIENTAÇÃO: Profa. Dra. ZILDA MARIA GESUELI OLIVEIRA DA PAZ

Dissertação de Mestrado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP para obtenção de título de Mestre em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação, área de concentração Interdisciplinaridade e Reabilitação.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA POR
MARIANA RODRIGUES BRESSAN, E ORIENTADA PELA
PROFA. DRA. ZILDA MARIA GESUELI OLIVEIRA DA PAZ.

Assinatura do Orientador

CAMPINAS
2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Ciências Médicas
Maristella Soares dos Santos - CRB 8/8402

B754e Bressan, Mariana Rodrigues, 1987-
O ensino de LIBRAS em um contexto de escola técnica : o que pensam as
pessoas ouvintes / Mariana Rodrigues Bressan. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Ciências Médicas.

1. Língua Brasileira de Sinais. 2. Surdez. 3. Ensino de segunda língua. I. Paz,
Zilda Maria Gesueli Oliveira da, 1959-. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Ciências Médicas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: O ensino de LIBRAS em um contexto de escola técnica : o que
pensam as pessoas ouvintes

Palavras-chave em inglês:

Brazilian sign language

Deafness

Second language teaching

Área de concentração: Interdisciplinaridade e Reabilitação

Titulação: Mestra em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação

Banca examinadora:

Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz [Orientador]

Cássia Geciauskas Sofiato

Lúcia Helena Reily

Data de defesa: 29-08-2013

Programa de Pós-Graduação: Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação

BANCA EXAMINADORA DA DEFESA DE MESTRADO

MARIANA RODRIGUES BRESSAN

ORIENTADORA: PROF. DR. ZILDA MARIA GESUELI OLIVEIRA DA PAZ

MEMBROS:

1. PROF. DR. ZILDA MARIA GESUELI OLIVEIRA DA PAZ Zilda Maria Gesueli
2. PROF. DR. CÁSSIA GECIAUSKAS SOFIATO Cassia Geciauskas Sofiato
3. PROF. DR. LUCIA HELENA REILY Lucia Helena Reily

Programa de Pós-Graduação em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação da
Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas.

Data: 29 de agosto de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a uma pessoa muito especial, que acompanhou o início deste estudo como meu namorado, tornou-se meu noivo e hoje é meu marido. Obrigada Jean por toda a compreensão e todo amor dedicado a mim durante este tempo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por toda força que me dá todos os dias.

Em seguida, não poderia deixar de citar quatro pessoas essenciais não somente para a realização deste trabalho assim como em todos os momentos da minha vida, são elas: minha mãe Sueli, meu pai Edison, meu marido Jean e minha amiga Renata.

Aos meus pais gostaria de agradecer cada palavra dita em cada ligação ou pessoalmente, mesmo longe vocês me apoiaram durante toda esta trajetória.

Em seguida, aproveito este espaço para demonstrar toda minha gratidão ao meu amado marido Jean. Obrigada por toda a compreensão diante minhas inúmeras ausências durante a realização deste estudo. Agradeço muito por ter você ao meu lado.

Não poderia deixar de citar aqui minha grande amiga Renata, obrigada pela lealdade e amizade de todos estes anos. Nossas longas conversas, mais especificamente, suas palavras de carinho, foram essenciais nesta trajetória.

Logo no início deste trabalho conheci também outra pessoa muito querida, minha amiga Carola. Obrigada por todos os momentos especiais, principalmente pelo companheirismo diário.

Agradeço também a minha querida Prof^a. Dra. Zilda Maria Gesueli Oliveira da Paz que tanto me ajudou nesta pesquisa, na descoberta de novas oportunidades e na ampliação do meu repertório de estudos. Obrigada por toda paciência, compreensão e orientação na elaboração deste trabalho.

Por fim, dedico este estudo também a todas as pessoas que direta ou indiretamente me apoiaram na pesquisa.

“Educar-se é impregnar de sentido cada momento da vida, cada ato cotidiano.”

Paulo Freire

RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS é uma língua natural como qualquer outra composta de sintaxe, semântica e morfologia própria. O reconhecimento da LIBRAS foi legitimado pelo decreto de nº 5626 de dezembro de 2005 como uma língua oficial, propiciando a construção de conhecimento e a constituição da identidade surda. Daí importância desta língua na sociedade e não somente como uma prática exclusiva aos surdos, afinal os ouvintes também podem aprender LIBRAS como segunda língua. Este trabalho tem como objetivo compreender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS -por pessoas ouvintes em um contexto de escola técnica que conta com alunos surdos nos cursos, verificando a forma de aceitação e as implicações do processo de aquisição da LIBRAS. Assim, observamos as aulas do curso de LIBRAS da escola técnica SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), localizada no interior do Estado de São Paulo e, posteriormente, foram entrevistados dez alunos ouvintes e a professora de LIBRAS participantes da pesquisa sob a perspectiva de entrevista semiestruturada. Vale lembrar que todos os dados coletados foram armazenados por meio de registros escritos (diário de campo), filmagens e fotos. Com base nas análises realizadas acerca dos dados coletados podemos afirmar que apesar de algumas dificuldades apontadas pelos alunos ouvintes, a aprendizagem da LIBRAS como segunda língua é possível e viável, visto que no decorrer das aulas a comunicação entre ouvintes e surdos melhorou de maneira significativa, sem a necessidade da mediação da intérprete.

Palavras-chave: LIBRAS. Surdez. Ensino de segunda língua.

ABSTRACT

Brazilian Sign Language – LIBRAS – is a natural language like any other, made up of its own system of syntax, semantics and morphology. LIBRAS was recognized as a legitimate official language by the national decree (Decree number 5626 of December 2005), which promotes the construction of knowledge and the constitution of deaf identity. This is why sign language is so important in society, and not merely a practice that pertains exclusively to the deaf – after all, hearing people can also learn LIBRAS as a second language. The aim of this study is to understand the process of teaching and learning Brazilian Sign Language (LIBRAS) by hearing people in the context of a technical school with deaf students enrolled in the courses, by investigating the process of acceptance of Sign Language and the implications for the process of LIBRAS acquisition. We observed classes of LIBRAS instruction in a technical school named SENAI (National Service for Industrial Learning), located in the interior of the State of São Paulo, and later research participants, including ten hearing students and one LIBRAS teacher, were interviewed using a semi-structured interview. All data that was collected was recorded using written notes (field journal), video recording and photographs. Based on the analysis of the data, we can state that despite some difficulties mentioned by the hearing students, learning LIBRAS as a second language is possible and viable. Over the period of classes, communication between hearing and deaf students improved significantly, without the need of mediation by the interpreter.

Keywords: LIBRAS. Deafness. Second language teaching.

SUMÁRIO

RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
1. Introdução	13
1.1 Linguagem e surdez: aspectos teóricos.....	14
1.2 Concepções de surdez.....	17
1.3 Aspectos do processo de aquisição de segunda língua.....	20
2. Objetivo.....	26
2.1 Objetivos específicos.....	26
3. Método	27
3.1 Caracterização da instituição observada	30
3.2 Participantes da pesquisa	32
4. Análise dos dados.....	36
4.1 É necessário aprender a língua de sinais: o contato com o surdo e a surdez...37	
4.2 O reconhecimento da LIBRAS como língua.....	44
4.3 Dificuldades no aprendizado da LIBRAS.....	48
4.4 Sobre o ensino da LIBRAS	53
4.5 Desdobramentos do contato com a LIBRAS: “ <i>Se as pessoas conhecessem a história dos surdos, da língua de sinais, iriam aprender a gostar</i> ”	60
5. Conclusão.....	67
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	71

Anexo A	74
Anexo B.....	75
Anexo C.....	76

1. Introdução

Desde muito pequena, fase em que somos crianças e o futuro não nos pertence propriamente, já nutria aspirações a ser professora. Com o passar do tempo as aulas de língua portuguesa me encantavam e à medida que o grau de dificuldade aumentava meu interesse ficava ainda maior. Ainda no ensino fundamental, tive contato com uma segunda língua, o inglês, e então tive certeza de que o ensinar estaria presente em minha vida de maneira permanente.

Os estudos se aprofundaram, principalmente na língua inglesa e, em meio a essa incerteza de qual seria minha real área de atuação, arrisquei ensinar este idioma para pessoas que desconheciam esta língua e conseqüentemente aprender também com esta experiência.

Desta maneira, a certeza de que minha profissão seria a de professora não demorou a aparecer. Ao final do ensino médio, ingressei na faculdade de Letras e imediatamente, no segundo ano da faculdade já estava trabalhando como professora. Neste contexto vale ressaltar que mergulhei no trabalho com crianças no ensino de segunda língua e, assim que concluí o curso de Letras, ingressei no curso de Pedagogia, buscando subsídios para os aspectos do desenvolvimento humano.

Tentei trabalhar com outras faixas etárias, no entanto, o trabalho com crianças me encantou desde o início. E foi esta experiência no contexto escolar que me trouxe até aqui buscando aprofundar o ensino de segunda língua no campo da surdez.

Na segunda turma que assumi oficialmente como professora, ainda inexperiente, me deparei com uma criança surda em minha sala. No começo, houve uma mistura de sentimentos que iam desde preocupação até satisfação, quando percebia que algumas atividades realizadas em sala de aula haviam feito sentido para aquela criança.

Com o correr dos dias toda a confusão de sentimentos foi se acalmando dando lugar a novos questionamentos como, por exemplo, qual a melhor maneira de ensinar e atingir diretamente esta criança.

Em diversos momentos perdi a direção neste aspecto e busquei através de algumas leituras e principalmente observações no cotidiano da sala de aula entender qual a melhor maneira de auxiliar neste processo seria no uso da linguagem.

Imediatamente me matriculei em um curso de língua de sinais – LIBRAS – e juntos (eu e meu aluno surdo) demos início a uma aprendizagem dos sinais e das expressões e significados contidos em cada gesto. Tal período foi decisivo para despertar meu interesse pela língua de sinais e suas características, ou seja, aprofundar meus estudos neste sentido.

Com o passar do tempo e frequência na aula de língua de sinais minha interação com este aluno aumentou gradativamente proporcionando momentos de troca e aprendizagem para ambas as partes. Assim, de maneira sutil e quase sem perceber estava mais uma vez em meio ao processo de ensino-aprendizagem de uma segunda língua, agora não mais o inglês, mas sim da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Neste mesmo ano, aprofundei meus estudos na área da surdez e no ano seguinte participei do curso de aprimoramento no CEPRE/FCM/Unicamp. Neste curso tive a oportunidade de conhecer novos olhares sobre a surdez e repensei conceitos e visões por vezes equivocadas assumidas por mim anteriormente. O contato direto com pessoas, inclusive crianças surdas, também auxiliou muito a minha aprendizagem pessoal sobre a língua de sinais. Como trabalho de conclusão do curso de aprimoramento dissertei acerca da questão da aprendizagem da LIBRAS por crianças ouvintes inseridas em uma escola pólo na qual esta língua faz parte do currículo escolar.

Através de um contato direto com as crianças ouvintes em processo de aprendizagem da LIBRAS pude perceber todos os aspectos relacionados a este contexto, o que muito contribuiu para a pesquisa realizada no mestrado. Assim, meu interesse partiu do trabalho realizado no curso de aprimoramento, aprofundando questões sobre o aprendizado da LIBRAS por ouvintes, agora no contexto de uma escola técnica.

1.1 Linguagem e surdez: aspectos teóricos

A linguagem é a forma mais efetiva de interação do sujeito com o outro e com o meio. É a partir desta interação, também que múltiplas aprendizagens acontecem por meio da proximidade e contato com diferentes pessoas e situações. No entanto, algumas pessoas, por motivo de deficiência ou algum outro tipo de dificuldade, não são capazes de se expressar de modo eficaz,

ou seja, não conseguem comunicar-se de maneira compreensível ou até mesmo encontram-se privadas do uso da linguagem, a qual possibilita a interação social.

De acordo com Góes (1996, p. 27), “nas teorias psicológicas, o papel da linguagem na constituição da pessoa é um problema muito complexo e ainda insuficientemente elaborado” acreditando que uma grande contribuição neste cenário pode ser encontrada na teoria histórico-cultural proposta por Vygotsky.

Góes (1996, p. 32) afirma que, a linguagem assume papel fundamental no desenvolvimento humano, para que este ocorra de maneira efetiva. “Dado este papel fundamental, a linguagem participa da constituição do pensamento e repercute sobre as funções mentais, propiciando transformações na atenção, na memória, no raciocínio, etc.” E independente da língua adotada o importante é que esta seja eficaz no ambiente de convivência do indivíduo e que possa incluí-lo como ser participativo e ativo na vida em sociedade.

Podemos destacar que um dos primeiros lugares onde a competência linguística tem início é no ambiente familiar, ou seja, na troca diária de informações entre as pessoas da família, pois esse diálogo constante é extremamente importante para o aprimoramento de funções motoras, cognitivas e para a constituição da subjetividade.

Em seguida, outro lugar que oferece oportunidades de trocas significativas é a escola, a qual é composta por pessoas diferentes cultural e socialmente. Inúmeras crianças com pensamentos e ideias distintas se encontram no ambiente escolar pela primeira vez e trilham um longo e complexo caminho de construção de conhecimentos, permeado por situações e aprendizagens diversas de acordo com o momento e os objetivos do educador. Segundo Vygotsky (1989), a importância deste momento decorre do fato de que todas as formas de interação social/verbal do adulto com a criança posteriormente se tornam funções mentais.

Voltando a falar mais propriamente sobre a comunicação ou até mesmo sobre o diálogo entre as crianças, podemos afirmar que este necessita de uma língua para que aconteça; neste processo é importante que os sujeitos compartilhem de uma mesma língua, ou ainda, comuniquem-se por meio de uma língua em comum, compreendida por todos ou ao menos pela grande maioria das pessoas inseridas em um mesmo ambiente.

No rastro de tal discussão não podemos esquecer de alguns grupos minoritários como, por exemplo, descendentes de outras regiões que usam dialetos considerados, por vezes,

incompreensíveis e inaceitáveis pela sociedade majoritária. E, dependendo da concepção de surdez e de sujeito surdo, é neste mesmo cenário que se encontra a cultura surda, em especial quando não se considera a LIBRAS como uma língua oficial. “Mas talvez a educação linguística não possa dar frutos sem que primeiro se discuta o significado de “cultura”, sem que se problematize a questão da tensa relação entre as culturas” (MAHER, 2007, p. 266).

Ainda de acordo com Maher (2007), do ponto de vista sistêmico e discursivo, todas essas línguas consideradas “minoritárias” são tão ricas e complexas como as demais não sendo, portanto apenas “gírias” ou línguas inferiores.

A Comunidade Surda utiliza a Língua Brasileira de Sinais na sua comunicação, neste caso, a LIBRAS assume a mediação semiótica, ou seja, através desta língua os surdos constroem conhecimento e se constituem como sujeitos. Assim, por meio de tal afirmação enfatizamos que a LIBRAS é uma língua natural (do ponto de vista linguístico) como qualquer outra composta de sintaxe, semântica e morfologia própria (FERREIRA BRITO, 1995; GESUELI, 2008).

O reconhecimento da LIBRAS já foi legitimado pelo decreto de nº 5626 de Dezembro de 2005 como uma língua oficial, fator indispensável para o início de uma conscientização acerca da importância desta língua na sociedade. E não se constitui somente como uma prática exclusiva dos surdos, afinal todas as pessoas podem aprender LIBRAS como uma segunda língua.

Neste contexto, o sujeito bilíngüe é entendido como sendo capaz de dominar e compreender duas línguas. Com base neste conceito, esta pesquisa entende a Língua Brasileira de Sinais como uma língua oficial que pode ser aprendida como segunda língua tal como inglês ou francês. Este aprendizado deve levar em conta, ainda, a relevância do contexto histórico de estruturação e constituição da LIBRAS, assim como da comunidade surda.

A LIBRAS pode ser utilizada por qualquer pessoa em diversos locais e situações inclusive na escola como forma de apropriação de novos conhecimentos. Apesar de ainda não ser realidade geral,

“na última década são inúmeros os trabalhos que se ocupam da discussão da educação bilíngüe para surdos, ou seja, de um projeto educacional que tenha como princípios norteadores a mediação da língua de sinais em todos os contextos de interação e aprendizagem” (FERNANDES, 2006, p. 3).

Desta forma, esta pesquisa esteve voltada para o ensino da LIBRAS como segunda língua para pessoas ouvintes que participam de um curso de aperfeiçoamento profissional. Tal curso conta com a participação de surdos nesta mesma turma que acontece em uma escola técnica SENAI, localizada no interior do Estado de São Paulo.

Nesta perspectiva, buscou-se também obter informações não somente acerca do processo de ensino-aprendizagem da língua de sinais como também sobre as mudanças na interação surdo/ouvinte mediada pela LIBRAS.

Interessa saber o que o contato com a LIBRAS trouxe de mudança na interação surdo/ouvintes em um contexto educacional e de trabalho. De acordo com Maher (2007), o reconhecimento das diferenças por estudiosos gera enfoques diferentes no tratamento do diverso, pois, enquanto alguns apostam na universalidade outros preconizam a diferença. Cabe-se então entender a diferença que se estabelece por conta do uso da língua de sinais e até em que medida a inserção desta língua no mercado de trabalho está propiciando o reconhecimento e aceitação da surdez como diferença.

Assim, a aquisição da LIBRAS como segunda língua por pessoas ouvintes possibilita a inserção da pessoa surda em contextos sociais diversos, tais como: na área educacional, no contexto de trabalho, favorecendo aprendizagens significativas e, conseqüentemente, a construção de conhecimentos por pessoas surdas e ouvintes.

1.2 Concepções de surdez

O termo surdez é alvo de inúmeras discussões travadas por diversos autores dotados de visões diferenciadas acerca de sua concepção. Desta maneira, quando falamos em surdez podemos considerar duas formas distintas de entendimento deste termo: a concepção clínico-terapêutica e a concepção sócio-antropológica.

Na primeira vertente a surdez é concebida como deficiência auditiva considerada como uma patologia que pode (e deve) ser tratada e/ou ‘curada’.

Nesta concepção de surdez a busca é pela normalidade e o surdo se vê sempre em comparação ao ouvinte o que conseqüentemente o torna inferior, principalmente no que se refere ao uso da língua oral e à escolaridade.

Neste caso, portanto, há a tentativa de ‘normalizar’ o ser surdo, ou seja, recuperar sua fala e sua audição, tentando fazê-lo chegar mais perto do estereótipo do indivíduo dito normal (ouvinte). Segundo Geraldí (1993), para os ‘normais’ a linguagem dos ‘deficientes’ é patológica. Com base neste cenário é possível identificar claramente a busca por utilizar a fala, que consiste, por exemplo, no uso de próteses auditivas avançadas e mais adiante o implante coclear.

Neste contexto, portanto, com o incentivo da oralização do surdo, a LIBRAS se torna a última ou até mesmo uma opção nula pelos profissionais envolvidos na área, alegando que a língua de sinais é utilizada por um número muito reduzido de pessoas o que não favorece o desenvolvimento da criança surda.

Contrariamente, a concepção sócio-antropológica (SKLIAR, 2000) enxerga o ser surdo como diferente, ou seja, não concebe a surdez como uma patologia. A surdez constitui-se em uma condição passível de aceitação pela sociedade atual (SANCHEZ, 1993).

E esta aceitação tem como base a língua de sinais que “legitima o surdo como ‘sujeito de linguagem’ e é capaz de transformar a ‘anormalidade’ em diferença” (SANTANA, 2007,p.33).

É muito importante que o indivíduo surdo seja inserido na comunidade surda, na qual poderá compartilhar hábitos e valores específicos estabelecidos no grupo, especialmente o uso da Língua Brasileira de Sinais, segundo Skliar (2000) deve ser o traço fundamental de identificação sociocultural entre os surdos.

Neste caso, a LIBRAS assume a mediação semiótica, responsável pela aprendizagem do surdo, possibilitando o acesso à escolaridade e à cultura.

Neste mesmo cenário as dificuldades de aprendizagem, por exemplo, não são inerentes a condição de surdez, mas aceitáveis em função das poucas possibilidades linguísticas oferecidas aos surdos. Portanto, “não há limitações cognitivas ou afetivas inerentes à surdez, tudo dependendo das possibilidades oferecidas pelo grupo social para seu desenvolvimento, em especial para a consolidação da linguagem” (GÓES, 1996, p. 38).

Sob esta visão, portanto, o desenvolvimento do indivíduo surdo é considerado semelhante ao das pessoas ouvintes, desde que ele seja exposto a condições que favoreçam seu

processolinguístico cognitivo. “A língua de sinais é considerada a mais adaptada à pessoa surda por contar com integridade do canal viso gestual. Porque as interações podem fluir, a criança surda é exposta, então, o mais cedo possível, à língua de sinais, aprendendo a sinalizar tão rapidamente quanto as crianças ouvintes aprendem a falar” (LACERDA, 1998, p.77).

Isto implica em reforçar mais uma vez a importância da inserção da língua de sinais em diversos contextos sociais assim como seu uso, inclusive por pessoas ouvintes.

Podemos fazer, então, uma comparação entre as duas concepções apresentadas enfatizando o fato de que enquanto a visão clínico-terapêutica tenta ‘normalizar’ o surdo segundo parâmetros da sociedade majoritária, trabalhando intensamente sua fala, a concepção sócio-antropológica enxerga o surdo em sua diferença e não como indivíduo dotado de uma patologia trabalhando, portanto suas potencialidades a partir de suas especificidades, partindo assim do uso da Língua Brasileira de Sinais como base para seu desenvolvimento (HARRISON, 2000).

Este estudo se fundamenta na concepção sócio-antropológica afirmando a importância do uso da LIBRAS não somente por pessoas surdas, mas também por pessoas ouvintes, contribuindo para a aceitação desta língua pela sociedade majoritária.

Segundo Santana (2007), surge em meio à sociedade concepções errôneas acerca do ser surdo tais como: incapacidade de aprendizagem, impossibilidade de fala, falta de competência, insucesso escolar, entre diversos outros rótulos pré-estabelecidos.

Desta maneira, a área da surdez envolve ainda um embate acerca das diferentes questões que se colocam neste contexto como, por exemplo, o processo educacional, de aquisição de linguagem e outras questões consideradas pela área médica.

Neste trabalho, no entanto, interessa-nos mais particularmente questões de ordem social e educacional, ou seja, nosso olhar estará centrado na surdez como grupo minoritário, uma comunidade que faz uso de uma língua viso-gestual. É a partir desta língua que o surdo se constitui como sujeito, ou seja, aprende e assimila conceitos pertinentes a vida em sociedade como qualquer outra pessoa, possibilitando também a sua trajetória escolar.

1.3 Aspectos do processo de aquisição de segunda língua

A aprendizagem de uma segunda língua requer interesse e dedicação por parte do aprendiz. Segundo Gesser (2012), o esforço e a atenção podem ser considerados como estratégias individualizadas que tem como objetivo o domínio bem-sucedido de uma segunda língua.

Podemos dizer que a aprendizagem de uma segunda língua torna-se mais fácil na infância por considerar que a criança se encontra em período ‘crítico’ para tal aquisição, contrariamente ao que acontece com um adulto, que nesta fase tem que desenvolver a ‘habilidade’ para aprender outra língua.

Estudos da autora Bolognini (1985), comprovam que, durante a aquisição de uma segunda língua, a interação entre duas crianças (aprendiz e falante nativa) assume posição relevante e superior em relação à interação entre uma criança e um adulto visto que, na primeira situação há uma maior ocorrência e variedade de *inputs* necessários a essa aprendizagem, e isso decorre da ‘liberdade’ que prevalece nesta forma de interação, preenchendo os turnos dos diálogos das crianças.

Mesmo assim, a interação com adultos falantes nativos também carrega consigo diversas contribuições, ao passo que a interação somente entre crianças é mais despojada, ou seja, as crianças nativas na língua não prestam muita atenção ao que está sendo dito, ao real significado das palavras, muitas vezes preocupando-se apenas com os sons das palavras.

Já na interação com uma pessoa adulta isto pode ser corrigido visto que, um adulto prestará mais atenção a estruturação de enunciados e, conseqüentemente, irá responder de acordo com o que lhe foi dito, unindo também outros aspectos do discurso a fim de prolongar o diálogo e favorecer mais trocas entre aprendiz e falante nativo da língua a ser adquirida, propiciando situação favorável à aprendizagem de uma segunda língua.

Bolognini (1985) afirma também que, devido a variação causada na interação de acordo com a idade do interlocutor, há uma interferência na produção linguística do aprendiz, ou seja, seu *output* seria, de certa forma, determinado pelo *input* recebido.

Dessa maneira, fica explícita a importância de um interlocutor no processo de aquisição de uma segunda língua, como elemento propulsor para o aprimoramento na aprendizagem da

língua em questão, assim como para auxiliar na produção linguística do aprendiz, não podendo atribuir a este processo a responsabilidade segundo um fator biológico.

Assim, com base em estudos realizados por Bolognini (1985, p. 23), podemos dizer que “a criança demonstra inclinação em ser relevante ao estilo interativo do seu interlocutor, e que, para tanto, ela é especular, incorporando os comportamentos linguísticos aos quais está sendo exposta.”

Segundo Bolognini (1985, p. 26) e de acordo com suas observações,

“os estudos de análise da interação demonstram-nos que há alguns comportamentos linguísticos adotados pelas crianças, durante a fase de aquisição de segunda língua, que variam de acordo com o seu interlocutor, e outros que não variam em função do interlocutor.”

Em relação as diferentes formas de interação da criança durante a aquisição de uma segunda língua, de acordo com a faixa etária do interlocutor, criança ou adulto, fica claro, de acordo com citações de Bolognini (1985, p. 26) que há a “existência de uma adaptação da criança ao seu interlocutor: ela tem a capacidade de adotar diversos estilos de interação, dependendo do que lhe é solicitado pela situação na qual se encontra.”

Vale ressaltar que os estudos de Bolognini(1985) são referentes ao processo de aquisição de línguas de mesma modalidade, ou seja, modalidade oral o que é significativamente diferente de uma língua de modalidade viso-gestual, caso da LIBRAS. Dessa forma, interessa entender as especificidades do processo de aquisição de uma segunda língua, no caso a LIBRAS que se caracteriza pelo uso do corpo, do espaço e das mãos.

Falando mais propriamente da aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais por pessoas ouvintes, podemos dizer que tal ensino por vezes ocorre de maneira errônea enfatizando o modelo de ensino denominado “mecanicista” (GESSER, 2012), priorizando aspectos de reprodução de movimentos em sinais com as mãos, assim como ênfase para a aquisição de vocabulário, muitas vezes a partir de campos semânticos, fator este que não garante um trabalho contextualizado visto que as palavras escolhidas são trabalhadas sob o formato de listas e dificilmente estabelecem relação com os aprendizes da língua em questão.

Há ainda a problemática acerca da carência de materiais didáticos nesta área dificultando a realização de cursos avançados de LIBRAS, visto que os primeiros encontros são recheados de novidades e descobertas, porém posteriormente a falta de um material que proporcione direcionamento das aulas também contribui para que muitos aprendizes não dêem continuidade aeste tipo de estudo.

Se falarmos, portanto acerca de uma sequência mais específica sobre as aulas de língua de sinais podemos afirmar que o primeiro momento de contato com a língua de sinais assume a função de familiarização dos ouvintes com uma outra cultura, mais especificamente com a comunidade surda.

Este momento torna-se importante, pois de acordo com Gesser (2012, p. 127),

“os ouvintes que entram em contato com o surdo pela primeira vez demonstram certo temor, provocado por sua incapacidade de usar LIBRAS ou mesmo pela ideia de que não conseguirão entender ou ser entendidos nas primeiras interações com surdo.”

É imprescindível que o professor motive os alunos ouvintes a compreenderem o que é a surdez; o que é a LIBRAS, assim como sua importância na sociedade, tornando tais indivíduos mais preparados para transitarem em práticas culturais distintas que se configuram em grupos humanos diversos.

Posteriormente, a preocupação ocorre na realização de um ensino contextualizado no qual o aluno ouvinte possa entrar em contato com a LIBRAS de maneira significativa, através de situações em que o uso da língua ocorra da maneira mais natural possível, como por exemplo, na realização de um teatro.

Neste contexto, assim como dito anteriormente, a interação é um fator muito importante para a aprendizagem de uma segunda língua e no caso da LIBRAS não é diferente.

Segundo Gesser (2012, p. 137),

“a interação com usuários da língua de sinais, em contextos cotidianos, é um fator relevante para o desenvolvimento e fluência na língua, mas é papel do professor garantir situações que permitam trabalhar esse aspecto também nas aulas, especialmente para que a cadência, a entonação, a ênfase, a velocidade, a continuidade e as regras conversacionais da LIBRAS sejam praticadas e adquiridas.”

Neste cenário, torna-se imprescindível a compreensão da LIBRAS como uma língua visogestual a fim de se trabalhar aspectos específicos da mesma, assim como a importância de uso da expressão facial adequada a palavra ou mensagem a ser transmitida.

Vale lembrar também que em todo processo de aprendizagem há fatores de ordem afetiva como nível de ansiedade, grau de interesse, assim como motivações pela língua a ser aprendida. Tais fatores podem influenciar de maneira positiva ou não neste processo dependendo da situação em que se encontra o sujeito aprendiz.

No caso da língua de sinais podemos dizer que a aprendizagem pode ser mais difícil devido à mudança da *'fala'* para *'sinais'*. Se neste momento os alunos se sentirem incapazes ou amedrontados em frente a este novo cenário, a aprendizagem da língua de sinais pode ficar comprometida.

Neste contexto, é provável que cada aluno demonstre níveis diversos de dificuldades na habilidade de compreensão visual dos sinais. Ressaltando que, dado o fato de muitos professores surdos serem bilíngues ou professores de LIBRAS ouvintes, há um intuito implícito de se usar a oralidade para resolver algumas questões que surgem durante as aulas.

A língua materna pode e deve ser utilizada quando necessário, no entanto, não é adequado que a mesma seja utilizada frequentemente ou em situações em que as dúvidas possam ser sanadas na língua alvo, pois ao contrário o aprendiz pode não se esforçar o suficiente nesta aprendizagem permanecendo dependente de traduções constantes.

Outro fator de extrema importância no processo de aprendizagem de uma segunda língua diz respeito à interação e no caso da LIBRAS não é diferente. A internalização de uma língua também depende desta prática que pode ocorrer, por exemplo, tanto com um nativo na língua alvo, assim como através da elaboração, pelo professor, de situações concretas em que o uso da língua ocorra de maneira mais natural possível.

É evidente, portanto que a aprendizagem da LIBRAS ocorre de maneira diversa comparada a aprendizagem de uma língua oral, envolvendo outras relações de funcionamento como a destreza manual, expressão facial, movimentação do corpo e até um certo desprendimento para a realização do sinal. Alguns aprendizes sentem-se inicialmente inibidos na realização de alguns sinais que exigem maior movimentação corporal. Daí o aprendizado da

LIBRAS ser consideravelmente mais eficaz para aprendizes que já possuem contato com a comunidade surda.

Importante considerar ainda a necessidade de inclusão no programa de um curso para ouvintes aspectos históricos da educação de surdos, questões de identidade e cultura, fortemente relacionados com o uso da língua de sinais o que propiciará ao aprendiz melhor entendimento sobre a estrutura desta língua.

O aprendizado da LIBRAS vem se ampliando para diferentes contextos, além do educacional, dada as Políticas Públicas estabelecidas no país privilegiando a acessibilidade e a inclusão social. A Lei de cotas¹ nas empresas também contribui para a inserção das pessoas deficientes no mercado de trabalho, possibilitando ainda aos surdos o acesso a cursos técnicos e estágios nas instituições. Dessa forma, o contexto empresarial tem também buscado o contato com a língua de sinais e seus usuários.

Assim, a pesquisa busca conhecer como tem se dado este processo de aprendizado da LIBRAS por pessoas ouvintes em diferentes contextos educacionais e de inclusão social, no caso a Escola Técnica do SENAI.

Vale informar que o SENAI mantém parceria com empresas por conta da lei de cotas, no caso da pesquisa os sujeitos observados além de frequentar a escola técnica, atuam como estagiários em uma fábrica do mesmo município. Tal empresa, em alguns momentos solicita também o trabalho da intérprete de língua de sinais para algumas atividades como, por exemplo, palestras e reuniões.

¹A legislação estabeleceu a obrigatoriedade de as empresas com cem (100) ou mais empregados preencherem uma parcela de seus cargos com pessoas com deficiência. A reserva legal de cargos é também conhecida como Lei de cotas. A cota depende do número geral de empregados que a empresa tem no seu quadro, na seguinte proporção, conforme estabelece o art. 93 da Lei n 8.213/91:

I – de 100 a 200 empregados	2%
II – de 201 a 500	3%
III – de 501 a 1.000	4%
IV – de 1.001 em diante	5%
II – de 201 a 500	3%
III – de 501 a 1.000	4%
IV – de 1.001 em diante	5%

Em decorrência da inclusão educacional e social, o SENAI tem recebido alunos surdos nos cursos de aperfeiçoamento profissional que também atuam como estagiários nas empresas que mantêm parceria com a escola.

Dessa forma, amplia-se a necessidade do uso da língua de sinais em diferentes contextos, inclusive no mercado de trabalho.

Assim, desde o ano de 2004, o SENAI tem trabalhado neste sentido oferecendo curso de LIBRAS para ouvintes que interagem com surdos no trabalho.

É neste contexto que a pesquisa se desenvolve, contribuindo para uma melhor compreensão deste cenário de inserção da língua de sinais.

2. Objetivos

O objetivo da presente pesquisa consiste em compreender como ocorre o processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (língua viso-gestual) por pessoas ouvintes que frequentam um curso técnico na escola SENAI, verificando a forma de aceitação e as implicações do processo de aquisição da LIBRAS.

2.1 Objetivos específicos

- Apontar e discutir as dificuldades encontradas durante o processo de ensino-aprendizagem da LIBRAS como segunda língua para ouvintes, levando-se em conta as diferenças neste processo decorrentes da característica viso-gestual desta língua.

3. Método

O presente estudo de caráter qualitativo visa compreender o processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais como segunda língua por pessoas ouvintes de diferentes idades que frequentam um curso de aperfeiçoamento profissional na escola técnica SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), localizada no interior do Estado de São Paulo, e que conta com surdos na sala de aula. Dada a legitimação da LIBRAS nas instituições de ensino, considera-se relevante conhecer as possibilidades e dificuldades deste processo com adolescentes e adultos que interagem com pessoas surdas. Embora os surdos estejam presentes no contexto de ensino da LIBRAS, o foco da pesquisa estará centrado no aprendizado dos alunos ouvintes, pois interessa conhecer tal processo e a compreensão desta língua pelos ouvintes em interação com surdos.

Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa segundo Martinelli (1999, p. 27) assume um “caráter inovador, como pesquisa que se insere na busca de significados atribuídos pelos sujeitos as suas experiências sociais.”

Conforme exposto anteriormente, a Escola SENAI oferece desde o ano de 2004 um curso de LIBRAS para alunos que frequentam o curso de aperfeiçoamento, mas dado este ano não ter formado uma turma de ouvintes para o curso de LIBRAS, em decorrência de questões políticas e burocráticas por parte da empresa parceira, foi proposto pela professora a inserção de ensino desta língua na disciplina de Comunicação do curso de Assistente Administrativo, no qual frequentam também alunos surdos. Estes alunos surdos frequentam os cursos oferecidos pela instituição juntamente a alunos ouvintes e recebem auxílio da intérprete/professora de LIBRAS durante as disciplinas. Assim como os demais alunos ouvintes, os surdos matriculados nos cursos também têm garantido uma vaga de estágio na empresa parceira.

Em anos anteriores foram formadas turmas de ouvintes que realizam estágio na empresa parceira e que são motivados a participarem do curso de LIBRAS para que possam manter a comunicação com os colegas surdos que também estagiam na mesma empresa. Dado que este ano não foi possível organizar a turma de ouvintes, a professora de LIBRAS estabeleceu um horário que propiciasse contexto linguístico para aprendizagem desta língua no decorrer da disciplina na qual participam surdos e ouvintes. Assim, considerando os dois períodos as turmas somaram um

total de vinte e cinco alunos ouvintes e cinco alunos surdos. Mas os dados da presente pesquisa serão coletados com bases nos sujeitos ouvintes.

A proposta, de inserção da LIBRAS na disciplina de Comunicação, foi muito bem aceita tanto pela gestão da instituição de ensino, pelo docente responsável pelo curso de aperfeiçoamento e também pelos alunos ouvintes. A partir de então um tempo específico de aproximadamente vinte a trinta minutos desta disciplina foi reservado para o ensino propriamente da LIBRAS e foi neste contexto que a pesquisa se desenvolveu.

Dessa forma, os alunos ouvintes, assim como surdos, passaram a contar não somente com a intérprete em sala de aula, mas também com o ensino de LIBRAS nos momentos combinados. Esse ensino aconteceu de forma bastante reduzida devido a não formação de turma na escola técnica e se deu com base em atividades didáticas e lúdicas como, por exemplo, teatros e jogos educativos com objetivos de ampliação de vocabulário.

Tal vocabulário não consistia propriamente em termos específicos da área industrial, pois o conteúdo da disciplina abordava também aspectos de interação social. Outro ponto de interesse em relação a estes momentos seria possibilitar maior interação entre surdos e ouvintes.

Antes do início da pesquisa participei de uma aula e expliquei a todos os alunos, surdos e ouvintes, qual era a minha proposta de estudo. De maneira geral, todos ficaram interessados e concordaram imediatamente em participar da pesquisa.

Dentre essas pessoas, nove alunos ouvintes, incluindo o professor responsável pela disciplina de mecânica que demonstrou interesse pela aprendizagem da língua de sinais participaram da pesquisa. A professora de LIBRAS foi contatada para participar de uma entrevista conforme consta no anexo B. Tal entrevista buscou verificar a aceitação e assimilação de uma segunda língua, neste caso a Língua Brasileira de Sinais.

As entrevistas realizadas respectivamente com os alunos e com a professora de LIBRAS, assumiram o caráter semiestruturado. De acordo com Minayo (1996), a entrevista semiestruturada permite ao entrevistador introduzir o tema e o entrevistado tem liberdade de discorrer sobre o assunto sugerido, possibilitando assim maior abertura e proximidade entre ambos.

Tanto os alunos como a professora citada acima foram questionados acerca de aspectos referentes a aquisição da LIBRAS como segunda língua, assim como sobre as dificuldades

encontradas durante este processo de ensino-aprendizagem. Todas as informações coletadas e pertinentes ao estudo foram preservadas por meio de registros escritos (diário de campo), fotos ou filmagens. Ressaltamos que todos os procedimentos citados foram devidamente autorizados pelos alunos assim como pela direção da escola por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo A) aprovado pelo comitê de ética da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp.

Assim, neste contexto e de posse de todas as informações coletadas foi dada continuidade ao estudo com o intuito de perceber como ocorre a aquisição e aceitação da Língua Brasileira de Sinais como segunda língua por pessoas ouvintes.

Os dados da pesquisa foram coletados através das entrevistas com os sujeitos e a análise e interpretação dos mesmos se deu com base na análise de conteúdo proposta por Bardin (2011). Segundo a autora, a análise de conteúdo seria “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados” (p. 15).

Com base em tal definição, estaremos olhando para os dados coletados nas entrevistas considerando as sutilezas, assim como a incidência de aspectos levantados pelos sujeitos para formularmos então as possíveis categorias conforme propõe a análise de conteúdo. Segundo Bardin (2011, p. 44), “a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (...) a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores quantitativos ou não.”

As entrevistas ocorreram durante o segundo semestre do ano de 2012 e os dados foram então transcritos e analisados considerando os tópicos do roteiro da entrevista, conforme consta nos anexos B e C.

Como forma de comprometimento do pesquisador com o trabalho desenvolvido, para finalizar a pesquisa será fornecido aos participantes que auxiliaram e colaboraram para a realização deste estudo um retorno acerca dos resultados obtidos, pois “a pesquisa qualitativa nunca é feita apenas para o pesquisador, seu sentido é social, portanto deve retornar ao sujeito”(MARTINELLI, 1999, p. 26).

3.1 Caracterização da instituição observada

As observações assim como entrevistas foram realizadas na escola técnica - SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) - que oferece diversos cursos de aperfeiçoamento profissional e que podemos dizer 'vivencia' a realidade da inserção social todos os dias, pois recebe alunos deficientes nos cursos que oferece.

Estes cursos são destinados a pessoas que pretendem se especializar com o objetivo de trabalhar em empresas da região principalmente na área industrial visto que a maioria dos cursos é direcionado a este segmento. Neste contexto os alunos aprendem aspectos relacionados diretamente com cada setor de uma indústria conferindo o diploma de 'Técnicos' a estas pessoas.

Os cursos, portanto consistem em formação técnica na área industrial em diversos setores desde mecânica, informática, até aspectos administrativos, contando também com o curso de Assistente Administrativo, que aborda conhecimentos diversos deste setor como, por exemplo, questões burocráticas concernentes a empresa, documentação de funcionários e recepção de visitantes da empresa.

Os momentos de contato com a LIBRAS acontecem durante todas as disciplinas por conta da presença dos alunos surdos na turma, mas a aprendizagem em si, o tempo destinado ao ensino da língua de sinais ocorre nas aulas de Comunicação sob responsabilidade da professora de LIBRAS, também funcionária desta instituição.

Nesta disciplina, os alunos aprendem conceitos relativos a fatores de expressão verbal como, por exemplo, uso formal da linguagem, compreensão de termos específicos do setor e postura profissional na interação com os colegas dentro da empresa que irão atuar. E aliado ao conteúdo da disciplina, foi possível a inserção da LIBRAS neste contexto, mediante iniciativa da professora de LIBRAS e por solicitação dos próprios alunos ouvintes das turmas observadas.

Os cursos de aperfeiçoamento profissional são oferecidos nos dois períodos do dia contando com duas turmas de alunos, sendo doze alunos no grupo da manhã e treze no grupo da tarde e destinam-se as pessoas interessadas em aprender técnicas específicas de empresas do setor industrial com objetivo de inserção no mercado de trabalho.

Neste estudo, nosso foco está centrado justamente nestas duas turmas específicas do curso de Assistente Administrativo, mais especificamente na disciplina de Comunicação na qual se deu

o contexto de ensino da LIBRAS. Os alunos participam deste curso a fim de garantir uma vaga em uma empresa da mesma cidade. As turmas selecionadas para o estudo contam com a presença de surdos em sala de aula, tanto na turma da manhã quanto na turma da tarde. Estas turmas são compostas principalmente por pessoas de faixas etárias distintas que variam de dezesseis a quarenta anos de idade.

Cinco alunos surdos, sendo dois no grupo da manhã e três no período da tarde, foram inseridos nestas duas turmas juntamente a ouvintes, porém a interação foi prejudicada devido a falta de uma língua em comum. A partir de então, buscou-se formas de minimizar esta situação e garantir que os surdos tivessem a mesma oportunidade de compreensão dos conteúdos desenvolvidos, assim como os alunos ouvintes.

Neste contexto, a primeira iniciativa foi de colocar uma intérprete de LIBRAS em sala de aula para auxiliar nestes momentos e contribuir para que os surdos tivessem a oportunidade de acesso aos conhecimentos na sua língua natural. Em um primeiro instante tal iniciativa, de inserir a intérprete de LIBRAS no curso, pareceu suficiente para que as aulas pudessem transcorrer normalmente, no entanto, com o decorrer do curso, a falta de uma língua em comum dificultava a interação surdos/ouvintes.

Assim, a LIBRAS passou a ser ensinada como segunda língua para os alunos ouvintes, inclusive por pedidos constantes dos mesmos com interesse em aprender a língua de sinais e poder melhor interagir com os colegas surdos.

Após a exposição da intérprete Rose² e do professor do curso de mecânica, à direção da escola sobre a dificuldade de comunicação entre os alunos foi possível garantir pelo menos vinte e/ou trinta minutos de cada aula da disciplina de Comunicação destinados a aprendizagem da LIBRAS por todos os alunos, surdos e ouvintes. Estes momentos foram importantes também para os surdos, pois alguns chegavam para a instituição sem o domínio da LIBRAS, o que com certeza dificultava o acesso ao conteúdo dos cursos, mesmo com a ajuda da intérprete.

²Os nomes utilizados são fictícios a fim de preservar a identidade dos sujeitos.

3.2 Participantes da pesquisa

Foram selecionados onze participantes para a pesquisa compondo um grupo formado por dez alunos ouvintes e a professora de LIBRAS. Os alunos selecionados participam do curso de Assistente Administrativo, sendo que cinco são alunos da turma da manhã e os demais pertencem à turma do período da tarde.

A professora de LIBRAS é formada em Pedagogia e possui conhecimento na área educacional e da língua de sinais. Sua trajetória com a área de educação teve início nesta mesma instituição, SENAI, porém em um município próximo.

Neste local, começou um trabalho na área de deficiência visual, porém, com o decorrer do tempo e contato com pessoas surdas frequentadoras desta instituição teve interesse por trabalhar com a língua de sinais. Realizou diversos cursos específicos neste sentido e posteriormente recebeu o convite para dar início a um trabalho juntamente ao SENAI onde se deu a pesquisa. Trabalho este centrado no ensino de LIBRAS para pessoas ouvintes que possuíam contato com surdos no espaço de trabalho, como por exemplo, em algumas empresas e indústrias localizadas nesta mesma região.

Dada sua experiência no processo de ensino da LIBRAS, trabalhou também como orientadora de trabalhos na área, inclusive ministrando palestras em faculdades e empresas interessadas no assunto. A fluência em LIBRAS permitiu também que a mesma trabalhasse, eventualmente, como intérprete em situações de reuniões e palestras em instituições de ensino, assim como em empresas.

Atualmente, leciona como professora de uma disciplina específica sobre surdez no curso de Pedagogia em uma faculdade privada. Já no SENAI trabalha como intérprete de LIBRAS e, professora de língua de sinais. Neste estudo, no entanto, a mesma será denominada apenas como professora, visto que nosso foco está centrado na observação de aspectos de ensino da LIBRAS para pessoas ouvintes.

O professor do curso de mecânica, também leciona em outras instituições de ensino no período inverso, trata-se de uma pessoa jovem que após completar seus estudos nas áreas respectivas de engenharia e logística, encontra-se no início da construção de sua carreira profissional. Ressaltando que, assim como veremos adiante, o professor também não tinha

contato com surdos. Sabia da importância e legitimação da língua de sinais, porém não tinha acesso a mesma nos contextos em que atuava como professor de mecânica. Na pesquisa o professor participará como aluno ouvinte aprendiz da LIBRAS.

Ivan mostra-se parceiro da professora de LIBRAS, reconhecendo sua importância em sala de aula para atender as necessidades linguísticas do surdo. Desta maneira, também apoiou Rose no processo de ensino da LIBRAS para ouvintes e demonstra grande interesse em aprender a língua de sinais.

Quanto aos sujeitos da pesquisa, os critérios de escolha tiveram como base o contato com pessoas surdas e com a LIBRAS durante as aulas dos cursos de capacitação oferecidos nesta instituição, no caso o curso de Assistente Administrativo, onde encontramos a presença de surdos. Estes alunos participam dos cursos profissionalizantes e no período inverso atuam como estagiários em uma empresa localizada na mesma cidade e que possui projeto profissionalizante vinculado ao SENAI. Os alunos ouvintes, sujeitos da pesquisa, interagem com surdos neste contexto do curso de capacitação e no estágio dentro da empresa.

A idade dos participantes varia de dezesseis até aproximadamente quarenta anos. Dentre estes alunos alguns se encontram ainda no ensino médio tais como Carolina, Gabriela e Maria. Para estas alunas esse foi o primeiro contato com o mercado de trabalho, visto que até então, dedicavam-se exclusivamente aos estudos.

Outros alunos, no entanto, como Daniela, Júlia, Fábio e Patrícia, terminada a etapa de estudos, o ensino médio, demonstram vontade de ingressar em curso superior. Deste grupo, apenas Fábio possuía a experiência de trabalho, porém temporário.

Já os demais alunos como Kaiky e Sabrina, na faixa etária entre trinta e quarenta anos apresentam o ensino médio completo, porém não chegaram a realizar curso superior. Vale ressaltar que todos os alunos ouvintes selecionados para este estudo não possuíam contato com surdos, assim como não conheciam a estrutura da LIBRAS, não reconhecendo-a portanto como língua oficial.

Neste contexto, vale ressaltar que os surdos presentes nas turmas observadas não foram entrevistados dado o fato de que o objetivo do estudo consiste na compreensão do processo de ensino-aprendizagem da LIBRAS como segunda língua para pessoas ouvintes de maneira que as

informações obtidas foram satisfatórias para tais esclarecimentos. A ideia de entrevistar também se mostra interessante, no entanto, não houve tempo hábil para esta iniciativa.

A formação de turmas para o curso de capacitação profissional ocorre mediante interesse dos alunos em determinada área como, por exemplo, mecânica ou informática considerando também a demanda da empresa, ou seja, o número de vagas para estágio oferecidas pela empresa parceira em cada segmento.

Segue abaixo uma tabela de identificação dos alunos ouvintes entrevistados e também da professora de LIBRAS.

Nome*	Idade	Escolaridade
Carolina	17	Cursando ensino médio
Daniela	19	Ensino médio completo
Fábio	23	Ensino médio completo
Gabriela	18	Cursando ensino médio
Júlia	20	Ensino médio completo
Kaiky	34	Ensino médio completo
Maria	18	Cursando ensino médio
Patrícia	19	Ensino médio completo
Sabrina	41	Ensino médio completo
Ivan	32	Ensino superior completo – professor da disciplina de mecânica
Rose	51	Ensino superior completo – professora de LIBRAS

4. Análise dos dados

A análise dos dados tem como base as informações coletadas nas entrevistas realizadas e foram subdivididas conforme proposta de Bardin (2011), na qual ocorre o processo de classificação de elementos constitutivos de um conjunto. Desta maneira “o que vai permitir o seu agrupamento, é a parte comum existente entre eles” (BARDIN, 2011, p. 148).

É evidente, portanto, que de acordo com esta organização, cada elemento não pode existir em mais de uma divisão para que não ocorra ambiguidade facilitando a interpretação dos dados obtidos, além da compreensão do texto pelo leitor. As entrevistas realizadas com os alunos focaram em aspectos como conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, assim como aceitação e aprendizagem da mesma. Em relação à aprendizagem, os alunos ouvintes participantes foram questionados acerca das dificuldades encontradas neste processo e sobre a didática utilizada no ensino da LIBRAS.

Já a entrevista realizada com a professora de LIBRAS envolveu questionamentos acerca das dificuldades encontradas por ela no decorrer do processo de ensino da LIBRAS como segunda língua, assim como os desdobramentos deste ensino.

A análise dos dados destaca ainda os aspectos gramaticais da LIBRAS apontados pelos ouvintes no decorrer da aprendizagem. E finalmente, os relatos ocorrem de maneira mais aberta, ou seja, os entrevistados ganham maior espaço para expor suas opiniões acerca de novas impressões despertadas pela aprendizagem da LIBRAS.

A partir das entrevistas realizadas com os alunos e com a professora formulamos as seguintes categorias: *É necessário aprender a língua de sinais: o contato com o surdo e a surdez; O reconhecimento da LIBRAS como língua; Dificuldades no aprendizado da LIBRAS; Sobre o ensino de LIBRAS; Desdobramentos do contato com a LIBRAS: “Se as pessoas conhecessem a história dos surdos, da língua de sinais, iriam aprender a gostar”*.

A primeira e a segunda categoria respectivamente envolvem aspectos de conhecimento da LIBRAS enquanto uma língua oficial utilizada pela comunidade surda e ainda apontam para a importância do contato do ouvinte com essa comunidade como fator relevante para o aprendizado da LIBRAS. Dado o fato de que a aprendizagem de uma segunda língua, em geral, não ocorre de

maneira natural, as dificuldades encontradas durante este processo são abordadas na terceira categoria mediante relatos dos alunos ouvintes.

Em seguida, e de forma complementar, a metodologia utilizada no ensino da língua de sinais também é considerada nos depoimentos dos participantes da pesquisa na quarta categoria.

Por fim, inúmeros relatos dos alunos ouvintes são apresentados como desdobramentos decorrentes do contato e aprendizagem da LIBRAS como segunda língua.

4.1 É necessário aprender a língua de sinais: o contato com o surdo e a surdez

Com base nas falas dos sujeitos pudemos observar que o aprendizado da língua de sinais está fortemente atrelado ao contato com os surdos, ou seja, é preciso conhecer um pouco que seja dos costumes e modo de vida destes sujeitos para compreender como esta língua se estrutura.

Desde o início da entrevista, a professora de LIBRAS ressalta a importância da aprendizagem da língua de sinais ligada ao conhecimento da comunidade surda, sua história e características. Segundo a opinião de Rose é importante que a sociedade majoritária, ouvinte, conheça não somente a LIBRAS, mas também os falantes desta língua, sua cultura e identidade.

“(...)as pessoas ouvintes que vem fazer o curso, mas que nunca tiveram contato com o surdo, não sabem quem é o surdo, às vezes vem fazer porque acha bonito ou procura a aprendizagem da LIBRAS porque entrou na sala de aula e se deparou com alguma criança surda e precisa então da LIBRAS para essa comunicação acontecer. (...) que a pessoas não se acomode com apenas um curso de LIBRAS, que busque conhecimento, que vá buscar esta comunidade surda, que ele procure saber se na sua cidade há associação de surdos.” (Rose)

Observamos ainda na fala de Rose, que as pessoas ouvintes as quais possuem conhecimento assim como contato com o indivíduo surdo apresentam maior familiaridade com a língua de sinais, inclusive utilizando as sutilezas da língua consideradas significativas no discurso, como por exemplo, a expressão facial.

“É importante dizer que aquele que tem ou já teve contato com uma criança surda, já tem mais habilidade através desse contato do aprendizado. Eu diria que a dificuldade maior são as expressões faciais no caso de quem não tem contato, nunca viu a criança surda, dificuldade na elaboração do próprio sinal, posicionamento da mão e outra coisa, sempre buscam saber o porquê do sinal, mas nem todo sinal tem por que.” (Rose)

A fala de Rose representa o que Gesser (2012, p. 15) afirma: “o ensino de uma língua envolve a conexão entre língua e cultura.”

Entendendo a surdez como minoria linguística, (SKLIAR, 2000) faz-se necessário considerar as especificidades desta comunidade, sua história e cultura a fim de possibilitar uma maior compreensão da língua de sinais.

“Eu diria assim que dentro do processo de aprendizagem da LIBRAS pelas pessoas ouvintes, eles não conhecem o surdo e é essencial esse contato com o sujeito surdo pra que ele (ouvinte) desenvolva esse aprendizado dos sinais, a forma de expressão que acontece com o surdo e que o ouvinte precisa estar mais atento porque, em geral, nesse processo de aprendizado este fator é muito importante.” (Rose)

Também o aluno Ivan, aprendendo LIBRAS, enfatiza a importância da convivência com os surdos: “eu acho que é essa convivência que vai fazer com que eu me desenvolva mais e mais. (...) eu vejo que a convivência, a necessidade de estar com eles conversando em LIBRAS e isso que vai manter [o aprendizado da língua].” (Ivan)

E em seguida afirma que o curso é importante, mas a convivência com os surdos é fundamental. E no contato mediado pela língua que vamos entendendo a diferença do ser surdo “eu cheguei na sala de aula com uma visão de que na necessidade de comunicação eu escreveria na lousa, faria um bilhete e eles entenderiam. Depois eu vi que é totalmente diferente. Muitos deles mal sabem o português, [...] na minha cabeça eu imagino que alguns acabam vendo ali imagens ao invés de textos”. (Ivan)

Tal depoimento nos mostra a falta de entendimento que se tem sobre os surdos e a surdez, desconsiderando que o português escrito se constitui como uma segunda língua para o surdo,

mesmo fluente na língua de sinais, ou considerar que “já que ele não fala podia ao menos escrever” (CAVALCANTI; SILVA, 2007). O entendimento de que a escrita do português é uma segunda língua para o surdo ainda é pouco compreendida até por professores alfabetizadores. As línguas orais e de sinais são de modalidades diferentes, a passagem da língua de sinais para a escrita do português se caracteriza por um processo de tradução, o que não se dá de maneira simples.

É preciso que o surdo se faça interlocutor em língua de sinais, pois o acesso a uma língua na sua forma e estrutura contribuirá para a aquisição de uma segunda, mesmo que de modalidade oral auditiva. Embora a aquisição da escrita implique em um processo também visual esta apresenta uma relação íntima com a oralidade o que não acontece em relação à língua de sinais, daí a complexidade do processo.

Na grande maioria das situações as pessoas ouvintes que buscam aprender a língua de sinais não conhecem o sujeito surdo de maneira que, por vezes, concebem ideias errôneas acerca deste indivíduo.

“Inicialmente ele (ouvinte) acha que o surdo é agressivo, que o surdo ele é rebelde, então mais marcante é isso.” (Rose)

Ainda falando sobre as concepções precipitadas acerca do sujeito surdo, Gesser (2012, p. 128) ressalta que “os ouvintes que entram em contato com o surdo pela primeira vez demonstram certo temor, provocado por sua incapacidade de usar LIBRAS ou mesmo pela ideia de que não conseguirão entender ou ser entendidos nas primeiras interações com o surdo.”

A fala de Ivan exemplifica a citação acima:

“Num primeiro momento que eu vi que ia trabalhar com surdos, eu pensei: nossa, como que vai ser para eu dar essa aula? Mesmo sabendo que teria uma estrutura, uma intérprete, me assustava um pouco.” (Ivan)

É comum as pessoas não se aproximarem dos surdos por medo de não se fazer entender. O movimento corporal da língua de sinais muitas vezes, constrange os ouvintes.

“(...) no começo eu achei que eles teriam mais dificuldade do que a gente pra aprender, pra se comunicar mesmo um com o outro porque aqui é assim a gente faz grupos e daí o professor coloca todo mundo misturado, por exemplo, dois ouvintes com três surdos, pra trocar informações. Porque têm coisas que eles são bem mais espertos que a gente. Mas é tudo sempre junto, nada separado.” (Carolina)

O maior contato com indivíduos surdos e conseqüentemente com a LIBRAS possibilita também a desmitificação de algumas concepções sobre os surdos usuários da língua de sinais como, por exemplo, a ideia de que devido à surdez os mesmos apresentam rendimento inferior a ouvintes na realização de tarefas diversas, inclusive no desempenho escolar.

“(...) Se as pessoas conhecessem a história dos surdos, da língua de sinais, iriam aprender a gostar, ou aceitar, pelo menos, iriam ajudar mais, dar mais oportunidades. Porque eles têm a mesma capacidade que a gente, as vezes até mais, na sala de aula as vezes acontece de eles estarem explicando pra gente alguma coisa, pra nós que somos ouvintes. Um ajuda o outro, tanto que aqui nós já somos uma família. E quando a gente entende tudo que eles (surdos) passaram e aceita isso o carinho parece que é maior ainda.” (Kaiky)

Neste sentido, “inúmeros são os desafios do ato de ensinar” (GESSER, 2012), porém a aprendizagem e uso da LIBRAS por pessoas ouvintes pode favorecer a mudança de concepção acerca do surdo, diminuindo a distância entre surdos e ouvintes e, conseqüentemente, desmitificando ideias e preconceitos.

“Quando os que procuram (o curso) são professores e que têm esse interesse realmente nesse aprendizado ele flui mais fácil, agora têm pessoas que não, que vem por curiosidade e que nunca teve contato e de qualquer forma, nos dois casos, o importante é que busquem desenvolver, aprender e se aprofundar cada vez mais nessa segunda língua e disseminar esse conhecimento.” (Rose)

Isso não significa, no entanto, desconsiderar o interesse destas pessoas ouvintes digamos “curiosas” por aprender a língua de sinais. É neste contexto que a exposição e abordagem da trajetória do sujeito surdo se faz importante por parte do profissional que ensina LIBRAS, a fim de que o aprendiz tenha consciência de todas as implicações decorrentes da história da educação e que se refletem no aprendizado da LIBRAS.

Ações neste sentido podem colaborar na forma de “preparar os aprendizes para a inserção e a conscientização de um repertório de conhecimentos possivelmente alheios a sua realidade, tornando-os bem mais preparados para transitar em práticas culturais que se fazem em grupos humanos diversos” (GESSER, 2012, p. 129).

O contato e até mesmo convivência com o indivíduo surdo pode despertar a curiosidade em aprender a língua de sinais. Tal curiosidade pode ocorrer por motivos diversos, mas neste caso especificamente acontece principalmente pela necessidade de aprimorar a comunicação.

Veja abaixo depoimento neste sentido.

“Olha, como eu comentei com você anteriormente em 2010 eu tive muita convivência com pessoas surdas, então isso fez com que eu me interessasse pela língua de sinais. Até então eu não tinha contato com surdos então eu não sabia o que era e aí, quando eu passei a ter contato com eles, eles começaram a me mostrar como é gostoso, como é importante. A moça com quem eu ia no ônibus levava a apostila dela e me ensinava algumas coisas no ônibus. Eu já tinha vontade (de aprender a língua de sinais), mas depois que conheci o José e vi a situação dele por não saber nada e não ter contato com nós ouvintes, se sentindo excluído, então isso fez com que aguçasse ainda mais a minha vontade de aprender LIBRAS. Então pra mim essa língua é tão importante como o português, inglês, espanhol e qualquer outra língua; na verdade pra mim ela se torna muito mais importante do que essas, porque é uma forma de conviver com os surdos porque o ‘mundo’ deles é fechado, eles não têm contato com as pessoas.” (Sabrina)

Podemos observar que Sabrina, valoriza de maneira excessiva a língua de sinais por considerá-la mais importante do que outras línguas e ainda tem uma visão de que o mundo dos surdos é fechado. Esta também é uma forma de conceber a comunidade surda. O fato de se constituírem enquanto grupo, a cumplicidade e a especificidade da língua no momento de

interação surdo/surdo pode provocar certo distanciamento dos ouvintes, mas estão inseridos no mundo interagindo todo o tempo com a sociedade majoritária nos diferentes contextos.

É interessante perceber também no relato de algumas pessoas que nem pensavam em aprender LIBRAS e que através do convívio com indivíduos surdos sentiram a necessidade desta língua. Situação semelhante ocorre, principalmente com professores que se deparam com alunos surdos na sala de aula regular e por vezes não apresentam formação adequada para trabalhar com eles. Então têm como primeira iniciativa investir na aprendizagem da LIBRAS a fim de melhorar a comunicação com os alunos surdos e conseqüentemente aprimorar os métodos de ensino dos conteúdos propostos.

É o caso de Ivan que no trecho abaixo deixa claro que não imaginava trabalhar com surdos, mas a necessidade fez com que despertasse a vontade de aprender a língua de sinais.

“Bom, primeiro que eu nem tinha ideia, imaginava aprender esta língua, eu acho que a falta de convivência [...] eu acho que a necessidade me fez querer aprender.” (Ivan)

Outros alunos, no entanto relatam sobre o aspecto da convivência como, por exemplo, no caso da aluna Júlia que via os surdos conversando em língua de sinais e começou a se sentir diferente, ou seja, sentiu a necessidade de aprender a língua de sinais para poder se comunicar e interagir com seus colegas surdos.

“Eu gosto de aprender agora que eu estou mais focada em aprender porque antes eu via eles (surdos) conversando e pensava: nossa como eles conseguem se comunicar com as mãos assim? Eu achava muito bom, mas eu ficava meio por fora, daí eu pensei: eu preciso aprender pra eu conversar com eles. Aí eu comecei a pedir ajuda pra eles (surdos) pra aprender e agora eu sei o básico e com o básico já dá pra se virar. Eu já sei o abecedário e o que eu não sei eu já consigo perguntar em LIBRAS, fazer com as mãos.” (Júlia)

A contextualização da LIBRAS, portanto, assume papel fundamental para que o aprendizado não se limite a mera curiosidade, por exemplo, mas que possa se modificar e se transformar em um interesse real, de acordo com o conhecimento e importância desta língua na

sociedade colaborando também para disseminação da língua de sinais em diversos espaços sociais. É preciso que haja vínculo do aprendiz com a comunidade surda, caso contrário as possibilidades de fluência na língua ficam muito limitadas.

A professora Rose relata que no início de cada curso dá prioridade a presença do indivíduo surdo para que as pessoas ouvintes em processo de aprendizagem da LIBRAS possam ter contato com um usuário fluente na língua e possam conhecer de perto o sujeito surdo.

“Quando eu começo algum curso, projeto ou oficina fica bem claro, eu não faço isso sozinha, procuro já levar o sujeito surdo e dizer que o aprendizado, o início da LIBRAS é apenas uma sementinha no coração de cada um e o aprendizado não deve ficar só com essas pessoas, ela realmente precisa estar passando este conhecimento, trocando conhecimento em LIBRAS que esse sujeito surdo possa ser atendido, não só por conta da lei mas também por respeito a essa nossa segunda língua que é a LIBRAS.”(Rose)

Reforça que o contato direto entre sujeito surdo e sujeito ouvinte pode facilitar a comunicação e, conseqüentemente, a aprendizagem da língua de sinais, assim como favorecer a compreensão da importância desta língua na sociedade para que o surdo seja incluído em diversos contextos sociais de maneira efetiva sem olhares preconceituosos e duvidosos da sua capacidade intelectual.

“É pensando realmente no desenvolvimento daquela criança para que essas crianças, jovens e, até mesmo adulto surdo venham participar e entender o que está acontecendo e que haja essa comunicação. É essencial que ela esteja interagindo nos dois mundos. Tanto o ouvinte procurar entender a LIBRAS e desenvolver essa língua como também a criança, o jovem surdo transitar nesses dois mundos, se apropriar também dessa nossa língua portuguesa. Sabemos que a primeira língua dele é a LIBRAS mas ele também tem que se apropriar do português, porque o mundo é um mundo de ouvintes, então é essencial e se o professor não busca aprender ele também tem que saber passar essa primeira língua pra essa criança surda e depois sim o português.”(Rose)

Os relatos apresentados apontam para a importância do contato com a comunidade surda para que a língua de sinais seja compreendida na sua origem e peculiaridade. Dado que a LIBRAS se encontra presente na sociedade, mesmo que de forma minoritária, vale considerar a possibilidade de interlocução destas línguas e culturas através da conscientização da sociedade majoritária.

4.2 O reconhecimento da LIBRAS como língua

A Língua Brasileira de Sinais permeia situações extremas, pois ao mesmo tempo em que é estudada e aprendida por inúmeras pessoas, outras, desconhecem por completo a língua de sinais, assim como toda a sua trajetória histórica e de afirmação como língua oficial conforme do decreto nº 5626 de Dezembro de 2005.

Desta maneira, a partir do contato com as pessoas ouvintes participantes da pesquisa pude perceber que tal afirmativa é totalmente coerente visto que, algumas pessoas já tinham ouvido falar sobre a língua de sinais, porém não tinham acesso à mesma e, portanto, desconheciam sua estrutura como língua natural, ou seja, não tinham entendimento da gramática desta língua, desconsiderando os aspectos semânticos e morfológicos da mesma descritos por Quadros e Karnopp(2004).

Neste mesmo contexto, podemos perceber que algumas pessoas concebem a LIBRAS como uma comunicação exclusiva dos surdos, não considerando-a como uma língua que pode ser aprendida por outras pessoas, inclusive ouvintes.

Nos depoimentos abaixo, em resposta ao questionamento acerca do conhecimento da LIBRAS, podemos perceber que os sujeitos da pesquisa estavam em contato com esta língua pela primeira vez.

[Você já conhecia a LIBRAS?]

“Não, esse foi o meu primeiro contato com a LIBRAS.” (Patrícia)

“Não apenas via pela televisão, via a faixa etária dos programas, mas não entendia os sinais.” (Júlia)

A mesma entrevistada acima diz que sabia tratar-se de uma língua, porém não dava muita atenção até mesmo pela falta de contato com surdos, usuários da LIBRAS. O ouvinte, na maioria das vezes não se interessa pelo aprendizado da língua por não estar em contato com surdos.

“Sabia que era uma língua, mas eu não prestava muito atenção não.” (Júlia)

“Não, eu nunca cheguei a ter contato direto com nenhum surdo. Eu não tinha ideia de como conversar, eu lembro que eu aprendi o alfabeto em LIBRAS no ensino fundamental, mas eu não me recordava.” (Patrícia)

De acordo com o depoimento acima, podemos ressaltar que algumas escolas demonstram iniciativas de introduzir a LIBRAS no currículo escolar, o problema é que em algumas situações esta atitude não ultrapassa as barreiras do ‘obrigatório’, ou seja, apenas acontece no sentido de cumprir com exigências governamentais e/ou educacionais.

O Estado não assume tal ensino com devida responsabilidade que envolva o conhecimento da história de estruturação da língua de sinais, assim como de sua importância no cenário social, não oferecendo, portanto suporte adequado para que os alunos ouvintes tenham maior interesse em aprender a LIBRAS como segunda língua.

“Então, antes eu via alguns surdos conversando, mas você não sabe o que significa. Eu não sabia nada. Mas eu ficava observando, mas antes de entrar aqui no SENAI eu nunca havia tido contato com nenhum surdo. Daí aos poucos eu fui aprendendo e hoje já sei bastante coisa.” (Gabriela)

“Não, eu não conhecia LIBRAS. Já tinha visto na rua, mas nunca havia tido contato com surdos.” (Kaiky)

Podemos perceber que o conhecimento da LIBRAS por parte dos alunos ouvintes, anteriormente ao ingresso na escola técnica era muito superficial. O contato com os colegas surdos e com a professora propiciou o entendimento da gramática e o reconhecimento da LIBRAS enquanto língua oficial da comunidade surda. Compreensão esta, primordial para o início do processo de aprendizagem da LIBRAS, como podemos perceber no trecho abaixo.

“Tem que lembrar que é uma língua, que a criação desse sinal é em respeito à comunidade surda; são os surdos que criam esses sinais e a dificuldade então mesmo é essa, o uso, tem que utilizar todos os dias, praticar bastante esses sinais e aí sim consegue com facilidade desde que coloque em prática.” (Rose)

Assim, como dito anteriormente, a falta de conhecimento sobre a comunidade surda e usuários da língua de sinais faz com que pessoas ouvintes não tenham suporte necessário para compreender toda a história de afirmação e estruturação da LIBRAS como língua oficial.

É, portanto, papel do professor de língua de sinais garantir a exploração deste universo a fim de contribuir para o entendimento da LIBRAS e assimilação desta como segunda língua por pessoas ouvintes.

“Lembrando que é uma segunda língua, nós mesmos aprendemos o inglês, o espanhol, e se não utilizarmos no nosso dia a dia, não tiver uma forma prática, ele cai em desuso e cai também no esquecimento.” (Rose)

No trecho acima, a fala da professora segue no sentido de enfatizar a discussão de autores como Maher (2007), sobre a condição do sujeito bilíngue, de que a LIBRAS é a língua natural do surdo e uma segunda língua para o ouvinte, assim como qualquer outro idioma.

Diante de tal depoimento, também é possível perceber a necessidade do contato e interação com o sujeito surdo para a aprendizagem da língua de sinais, possibilitando assim maior compreensão de aspectos relevantes e suas especificidades gramaticais como, por exemplo, a questão da expressão facial, a qual marca sentidos no discurso. A movimentação de sobrancelhas diferencia sentenças afirmativas de interrogativas.

“Eu diria que a dificuldade maior são as expressões faciais no caso de quem não tem contato, nunca viu a criança surda, dificuldade na elaboração do próprio sinal, posicionamento da mão e outra coisa, sempre buscam saber o porquê do sinal, mas nem todo sinal tem por quê.”
(Rose)

Vale ressaltar a importância da expressão facial, não somente na realização do sinal, como também, durante todo diálogo estabelecido a fim de possibilitar compreensão do sentido. De acordo com Gesser (2012, p. 137), “o aluno ouvinte tem bastante dificuldade, no início da aprendizagem, em compreender que a expressão da face marca também aspectos gramaticais.”

Neste sentido, Ivan afirma que também comete alguns equívocos devido a semelhança de alguns sinais, mas que o aprendizado auxiliou para que ele percebesse a importância da expressão facial no uso da língua.

“Nossa, muitos casos engraçados. Às vezes até de sem querer fazer algum sinal que vamos dizer assim, pra nós seria besteira e eles começarem a rir, mas não assim por não conhecer, confundir, alguns sinais são muito parecidos. Então a dificuldade no início era essa, daí eu estava querendo falar alguma coisa, aquele desespero, daí eu fui percebendo que não é só o sinal você também precisa fazer toda uma questão de expressão. Pra falar que está triste (por exemplo) não adianta fazer só o sinal, tem que fazer uma ‘carinha’ de quem está triste. Mas no começo foi engraçado e com bastante dificuldade mesmo, aquele desespero, eu lembrava o sinal, mas logo esquecia.” (Ivan)

A professora de LIBRAS fala também sobre as diferenças de aceitação e assimilação da língua de sinais por pessoas ligadas aos surdos tais como: alguns professores e por pessoas que

têm apenas curiosidade em conhecer a LIBRAS e aprender no máximo alguns sinais, por vezes, sem significado real em seu cotidiano.

Nestes casos é visível o não entendimento da LIBRAS como uma língua natural, visto que tais indivíduos acreditam que a aprendizagem desta língua se resume apenas a ‘memorização’ de sinais significativos (lista de palavras) em contextos reduzidos desconsiderando toda a estrutura gramatical da língua de sinais.

“Quando os que procuram (o curso) são professores e que têm esse interesse realmente no aprendizado ele flui mais fácil, agora têm pessoas que não, que vem por curiosidade e que nunca teve contato e de qualquer forma, nos dois casos, o importante é que busquem desenvolver, aprender e se aprofundar cada vez mais nessa segunda língua e disseminar esse conhecimento.” (Rose)

4.3 Dificuldades no aprendizado da LIBRAS

Outro ponto importante levantado durante a realização das entrevistas diz respeito as dificuldades encontradas pelos alunos na aprendizagem da LIBRAS. De acordo com Gesser (2012, p. 123), as dificuldades primárias dizem respeito principalmente à “falta de coordenação motora, dificuldade visual para conceber linguagem, inabilidade com expressões faciais e corporais, etc.” Neste sentido, os ‘obstáculos’ citados com maior ênfase dizem respeito à semelhança de alguns sinais assim como a dificuldade em memorizar todos os sinais de maneira a permitir que um diálogo em língua de sinais ocorra sem interrupções.

[Você sentiu dificuldade durante a aprendizagem da LIBRAS?]

“Sim, porque são muitos sinais iguais, mas têm significados diferentes tipo ‘sábado’, ‘laranja’ no mesmo lugar (posição), aprender, ensinar, é na testa. Então bastante sinais confundem.” (Carolina)

Neste mesmo depoimento, podemos perceber que o ponto de articulação³ (ou locação da mão) também é um fator muito importante no processo de aprendizagem da LIBRAS não somente para a elaboração dos sinais, como também para diferenciação dos mesmos, fato este explicitado acima quando a entrevistada diz que a palavra ‘laranja’ apresenta o mesmo sinal do dia da semana ‘sábado’, porém, o contexto, neste caso, estabelece o significado.

O conhecimento destas especificidades da língua de sinais torna-se essencial para que o aprendiz adquira de maneira plena e consiga compreender e dar continuidade a um diálogo utilizando apenas a LIBRAS e não outros recursos gestuais ou até mesmo a fala.

A falta de compreensão destas peculiaridades da língua pode ocasionar certa confusão na formulação de frases, visto que o significado das palavras citadas no exemplo é completamente diferente, assim como o contexto em que podem ser utilizadas.

Outro aluno entrevistado relata também a dificuldade em relação a sinais semelhantes e que por vezes faz algum sinal pensando em determinada palavra e depois percebe que fez o sinal errado em relação ao significado da palavra que gostaria de representar.

“Assim, é um pouco difícil porque às vezes a gente faz um sinal e acaba sendo besteira. Então não vou falar que não é difícil, é sim mas com o decorrer do tempo você vai se adequando e aprendendo mais.” (Fábio)

Desta maneira, fica evidente a necessidade do outro, interlocutor, em situações do cotidiano para que a fluência na LIBRAS seja desenvolvida. No depoimento abaixo a aluna ressalta que a repetição e uso de um mesmo sinal de maneira sequencial possibilita compreensão e assimilação do mesmo de modo mais efetivo.

³São três os principais parâmetros da língua de sinais: configuração de mão, ponto de articulação ou locação da mão e movimento da mão. Estes são considerados unidades mínimas (fonemas) que constituem morfemas nas línguas de sinais. Quadros e Karnopp (2004) com base em Friedman (1977) consideram ponto de articulação como a área no corpo em que o sinal é articulado. O ponto de articulação “é o *locus* de movimento do sinal, (...) o espaço de enunciação é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos em que os sinais são articulados” (Quadros e Karnopp, 2004, p. 57).

“É...algumas dificuldades é que assim, a intérprete, ela faz um pouquinho rápido então fica complicado da gente ‘pegar’, só que com o passar do tempo ela faz não uma vez, ela faz duas, três vezes, daí você já consegue ir pegando (...) e com o passar do tempo ela vai repetindo os mesmos sinais,então, daí a gente consegue ‘pegar’, mas são dificuldades bem poucas.”
(Daniela)

Outro aspecto relevante neste processo diz respeito a habilidade em fazer os sinais (destreza) e na percepção visual (dada a rápida movimentação na execução dos sinais), a fim de possibilitar entendimento durante o diálogo com uma pessoa fluente na língua de sinais.

“Na verdade a dificuldade maior é que você tem que ser ágil no olhar pra eles porque é muito rápido os sinais, então você tem que somar todos os sinais pra poder entender o que é a palavra que eles estão falando, o verbo é diferente que eles fazem, então você tem que ficar olhando e somar pra ver o que é a conversa.”(Sabrina)

Já a aluna Gabriela levantou o fato de alguns sinais em LIBRAS apresentarem certa semelhança com gestos em português, fator este facilitador no aprendizado. Ao passo que outros sinais, que não apresentam tal semelhança são considerados mais difíceis de aprender.

A aluna refere-se, provavelmente aos sinais icônicos, em que há semelhança com o gesto usado no português como, por exemplo, comer. Estes facilitam a memorização dos sinais, mas a língua de sinais é também arbitrária o que exige maior empenho do aprendiz.

Estudos linguísticos sobre a língua de sinais têm mostrado que “aspectos icônicos ou pictográficos de sinais individuais não são o aspecto mais significativo da estrutura e do uso da língua de sinais” (QUADROS e KARNOPP, 2004,p.31).

Tal evidência enfatiza que a língua de sinais é dotada de arbitrariedade, assim como qualquer outra língua natural. “Ao lado desta iconicidade, há também a arbitrariedade, já que alguns sinais não representam associações ou semelhanças visuais com o referente” (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 33).

Esta mesma aluna cita o exemplo do alfabeto, considerando o que tem sentido com a iconicidade do sinal e o que não tem sentido com a arbitrariedade da LIBRAS.

“Então, o ‘abecedário’ da LIBRAS é meio complicado porque alguns sinais tem sentido outros parece que nem tanto.” (Gabriela)

O português escrito também pode ser de grande auxílio na interação surdo/ouvinte e consequentemente no aprendizado da LIBRAS, pois possibilita a escrita e leitura das palavras que ainda deixam dúvidas quanto ao sinal correto, como podemos notar no depoimento abaixo.

“(…) A partir do momento que ele (surdo) já sabe português, a escrita, fica mais fácil, porque daí qualquer sinal que a gente não saiba é só escrever em um papel que ele faz. Mas não é muito difícil não.” (Kaiky)

“É difícil porque algumas palavras do português não têm sinal em LIBRAS, aí pra explicar pra eles (surdos) como é fica difícil. Tem verbos que eles não sabem. Você fala gírias eles não sabem. Aí eu tento explicar, tem vezes que eles entendem, mas tem vezes que não.”(Júlia)

Em geral, os aprendizes alegam não ser difícil aprender a LIBRAS, mas o tempo e persistência são importantes. De acordo com Gesser (2012, p. 135), “o tempo de exposição à língua-alvo propiciará o desenvolvimento de sua fluência; entretanto, esta é uma característica que pode ir além da competência linguística dos alunos, pois varia de indivíduo para indivíduo.”

“Eu acho que é fácil, mas tudo de uma vez só fica difícil. Mas com o tempo você vai adquirindo.” (Júlia)

Assim como dito no início, a grande maioria dos alunos ouvintes afirmou não encontrar maiores dificuldades na aprendizagem da LIBRAS, isto não garante portanto uma opinião total. Os alunos estão dispostos a aprender, alegam algumas dificuldades, mas acham que o aprendizado é viável.

Duas alunas deram depoimentos em que explicitam alguns obstáculos encontrados durante a aprendizagem da língua de sinais.

“Eu encontro bastante, porque as vezes eu travo, assim como na ‘fala’ às vezes a gente trava na LIBRAS também. Mas eu tento treinar bastante em casa, com eles também pra conseguir cada vez mais prática, para eu conseguir falar e eles entenderem, porque as vezes eu faço algum sinal e eles não entendem por eu demorar ou pensar muito antes de fazer o sinal, troco as letras e daí eles (surdos) se confundem. Então, essa é a minha dificuldade mesmo. Mas eles (surdos) me ajudam bastante, eles são super compreensivos e atenciosos.” (Patrícia)

De acordo com o depoimento acima, fica evidente que a dificuldade consiste em memorizar todos os sinais de maneira a participar de um diálogo de maneira efetiva, sem interrupções que possam afetar a compreensão de sentido entre os interlocutores. Segundo Gesser (2012, 135), “a pronúncia da língua envolve aspectos de tonicidade, ritmo e entonação que, quando trocados, podem alterar significados, bem como o ritmo e entonação para afirmativas, perguntas e/ou exclamações”.

Já no depoimento de Sabrina, a aluna não relata uma dificuldade em específico apenas ressalta que assim como uma criança assimila os conhecimentos essenciais do cotidiano gradativamente, a LIBRAS também deve ser aprendida aos poucos.

“Ah, como tudo eu tive um pouco de dificuldade não só com a língua, como se diz quando a gente é criança a gente começa a aprender as coisas aos pouquinhos e não é fácil e com a LIBRAS também não é muito diferente, então, tudo que a gente começa a aprender tem suas dificuldades, por exemplo, as vezes você faz um sinal e é outra coisa. Até os surdos tiram sarro da gente por querer fazer um sinal e fazer outro completamente diferente. Ainda tenho um pouco de dificuldade, porque já fiz o primeiro módulo de LIBRAS e agora, comecei há pouco tempo o segundo módulo, vai ser difícil, complicado, mas eu estou aprendendo bastante não só no curso que eu faço, mas também com a Rose, com o José e com os outros surdos, eu estou realmente aprendendo bastante.” (Sabrina)

Em um outro trecho complementar de sua entrevista quando questionada se em algum momento pensou na possibilidade de desistir de aprender a língua de sinais, Sabrina afirma que não e ainda destaca sua vontade de dar continuidade a estudos relacionados a LIBRAS.

“Não, cada vez eu quero aprender mais e todos os dias eu acordo e quero aprender mais e mais com eles.”(Sabrina)

Podemos observar com base nos depoimentos acima, que os alunos estão envolvidos e interessados no aprendizado da LIBRAS e apesar de considerarem viável apontam as dificuldades encontradas no decorrer deste processo.

Sabemos que tal processo não é simples e exige constante interação com a comunidade surda, assim como o aprendizado de qualquer outra segunda língua.

A motivação também facilita muito o processo, o que podemos perceber pelos depoimentos; os alunos ouvintes estão descobrindo os surdos e sua língua.

4.4 Sobre o ensino de LIBRAS

A aprendizagem da LIBRAS, assim como qualquer outra língua, não depende unicamente do interesse por parte do aprendiz, a forma de ensino da língua também pode influenciar de maneira positiva ou não no processo de assimilação da estrutura linguística da mesma.

Segundo Gesser (2012, p. 17), “a literatura sobre a história dos métodos de ensino de línguas é vasta (...) “cada um desses métodos apresenta princípios, características e técnicas específicas, podendo-se verificar que as abordagens norteadoras de cada um recaem ora mais para a forma ora mais para o uso da língua.”

No entanto, o que queremos ressaltar é que o ensino descontextualizado de uma língua, ou seja, sem considerar as vivências assim como as circunstâncias dos aprendizes pode levar a um ensino considerado ‘mecânico’, que permite apenas a aprendizagem de algumas palavras soltas, sem um real significado e principalmente por não pertencerem muitas vezes ao mesmo campo

semântico, dificultando também que o aprendiz consiga formular frases e pequenos textos, sejam eles orais ou escritos não possibilitando fluência na língua em questão.

Sob esta perspectiva Gesser (2012, p. 123) ressalta

“que alunos ouvintes iniciantes, de modo geral, consideram necessário reproduzir os movimentos em sinais com as mãos, como que ajustando e colocando em funcionamento um movimento incomum, inusitado para se articular uma língua. O lamentável quanto às operações repetitivas nesse ambiente de interação é que ótimas oportunidades para envolver o ouvinte em situações de uso na língua de sinais são desperdiçadas.”

Desta maneira, os alunos ouvintes participantes da pesquisa foram questionados acerca de aspectos de ensino da LIBRAS como segunda língua. A pergunta inicial neste sentido consistia em saber se os alunos consideraram adequadas as estratégias de ensino utilizadas no ensino desta língua.

“É apropriada sim. Está de acordo com o que a gente espera. Você aprende sem ter alguém forçando você, porque realmente você está querendo aprender. Então aquele pouquinho de tempo que você está interagindo com eles é o suficiente.” (Kaiky)

“Eu acho que é adequado sim, porque eu nunca entrei numa sala que o professor explica e, além disso, tem uma professora só para os surdos. E é interessante isso porque você nunca viu, não conhece e quando você aprende (LIBRAS) você quer conversar, saber mais. Mas são muitos sinais então tem que ser pouco a pouco.” (Gabriela)

Assim como dito anteriormente, a forma de ensino da LIBRAS é um aspecto muito importante, porém não garante a aquisição da língua, tal processo tem como fator primordial também o estímulo e a vontade do aprendiz em adquirir a língua em questão. Fica evidente, portanto que assim como na aprendizagem de outro idioma, a assimilação da LIBRAS demanda “um elevado grau de empenho cognitivo pelo aprendiz” (GESSER, 2012, p. 131).

“(...) Precisa, como se diz, ter força de vontade pra aprender porque pra algumas pessoas não significa nada, mas é igual eu falei, se acontece de ter um (surdo) na família, como é que vai se comunicar? Então, é legal, eu acho que a forma está correta sim.”(Fábio)

Veja abaixo alguns depoimentos e os principais pontos destacados pelos aprendizes acerca do processo de ensino da língua de sinais, como por exemplo, a importância de uma aula dinâmica e que possibilite a aprendizagem da LIBRAS de maneira descontraída e representada através de jogos e brincadeiras principalmente por tratar-se de uma língua viso-gestual. Já no início da fala de Ivan é possível perceber tais características citadas acima na forma de ensino adotada pela professora de LIBRAS.

“(...) Pelo menos a técnica que a Rose usa a gente acaba fazendo muito teatrinho, brincadeiras pra que você não esqueça. Ela pega, por exemplo, a gente faz um...vai lá, pega os animais, depois a gente faz um bingo em LIBRAS pra você associar a imagem ao sinal que está na cartela. Pega uma música que a gente gosta pra aprender a fazer a interpretação daquela música em LIBRAS e dessa forma, é uma forma gostosa de você ir aprendendo. Eu acho que é muito gostoso. Quem tiver a oportunidade de fazer o curso de LIBRAS eu acho uma aula muito gostosa, tem muita interação, não tem muita teoria.” (Ivan)

“Bom, eu nunca estive em um curso direto de LIBRAS, o contato que eu tenho é com a Rose e com os alunos, mas eu acredito que esta seja uma forma legal, pois a Rose ensina de uma forma bem clara, ela coloca desenhos, imagens e fotos dos gestos e a gente consegue aprender claramente. É uma forma bem clara.” (Patrícia)

“(...) Eles ensinam a LIBRAS em teatro pra gente.” (Júlia)

Ivan também destacou em um depoimento mais extenso sua visão acerca da maneira de ensino da LIBRAS como segunda língua para ouvintes e, assim como os demais participantes da pesquisa, afirma que considera a metodologia de ensino adotada adequada e coerente, principalmente pela realização de aulas dinâmicas que facilitam a aprendizagem da língua em

questão. Neste mesmo depoimento, ressalta também a importância da presença do indivíduo surdo durante estes momentos.

“Sim, eu acho que o método é adequado, mas eu acho que é importante no curso de LIBRAS, se fosse possível não somente trabalhar com a intérprete, mas que pudesse ter com ela um surdo interagindo durante as aulas pra mesmo realmente essa comunicação. Eu acho que o ideal seria a intérprete e o surdo. Eu lembro que em alguns cursos que a Rose ministrava aqui no SENAI ela sempre tomava o cuidado de trazer com ela um surdo (...) Eu acho que é importante ter duas pessoas pelo menos no início pra ter conversação, pra que daí o estudante que está aprendendo possa tentar conversar com o surdo, porque aí realmente ele vai perceber se está aprendendo ou não, porque se não, na minha visão, não sei se eu estou certo, pois não sou professor de LIBRAS, vai acabar ficando um robozinho, porque ele vai fazer só o sinal, mas ele acaba perdendo o contexto, a emoção, entender mesmo, porque muitos sinais são parecidos, então, se você não tiver a relação, por exemplo, de fazer o sinal olhando pra outra pessoa, porque ele vai fazer também não só o sinal, o gesto, toda uma emoção, uma expressão, eu acho que não vai ser completo pra pessoa realmente aprender LIBRAS, ficar fluente, não sei se este é o termo.” (Ivan)

A fala de Ivan, a respeito da importância do contato com o indivíduo surdo a fim de compreender determinadas peculiaridades da língua de sinais, vem ao encontro de trecho retirado da entrevista com a professora de LIBRAS.

“Eu diria assim que dentro do processo de aprendizagem da LIBRAS pelas pessoas ouvintes, eles não conhecem o surdo e é essencial esse contato com o sujeito surdo pra que ele (ouvinte) desenvolva esse aprendizado dos sinais, a forma de expressão que acontece com o surdo e que o ouvinte precisa estar mais atento, porque em geral, nesse processo de aprendizado este fator é muito importante.” (Rose)

Os relatos dos alunos e da própria Rose mostram a importância do contato com o surdo fluente na LIBRAS no contexto de aprendizagem.

Segundo Ivan, a presença de um interlocutor fluente na língua a ser aprendida é algo relevante principalmente por questões de interação.

Apesar de a professora de LIBRAS ser fluente na língua, ela não é nativa, é ouvinte, fator este que pode influenciar o modo de ensino.

Apesar do esforço para que as aulas, assim como os momentos de interação entre surdos e ouvintes ocorram apenas em língua de sinais, o fato de a professora ser ouvinte facilita e interfere para que as possíveis dúvidas sejam sanadas em algumas situações com base na fala, ou seja, nos momentos de maior dificuldade há outros ‘meios’ considerados mais fáceis para estabelecer a comunicação. O contato com o professor surdo é importante para que os alunos conheçam as limitações que se estabelecem na interação.

Em determinado momento de sua fala Ivan compara a LIBRAS à aprendizagem de outra língua, inglês, para exemplificar sua afirmação de que a falta de contato com usuários da língua faz com que a mesma caia no esquecimento e dificulte o estabelecimento de um diálogo. Finaliza dizendo que a convivência com indivíduos surdos é muito importante para que não se perca a ‘prática’ da língua.

“No meu caso muito com eles, eu acho que é a convivência. A intérprete ajuda, bastante, mas eu estou em outro foco, eu estou do outro lado da sala, ela é que está de frente para eles e eu estou com a mesma visão dele. Então, sempre que eu preciso da ajuda dela ou sanar alguma dúvida ela me ajuda, mais eu acabo aprendendo muito com eles. Eu acho que é essa convivência que vai fazer com que eu me desenvolva mais e mais. Eu estudei inglês durante muito tempo, faz quatro ou cinco anos que eu parei totalmente de ter contato com a língua e eu vejo que a convivência, a necessidade de estar com eles conversando em LIBRAS é isso que vai manter. O curso é importante pra quem está fazendo, mais eu acho que é muito importante a interação, conviver com o surdo pra que você não perca a prática. Porque eu acho que se você não praticar você não vai conseguir dar continuidade ao aprendizado, vai esquecer, aos pouquinhos vai acabar esquecendo. Não sei se estou certo.” (Ivan)

Mais uma vez a fala do aluno pode ser complementada com o depoimento da professora de LIBRAS, a qual reforça a importância do uso da língua em situações concretas do cotidiano.

“Lembrando que é uma segunda língua, nós mesmos aprendemos o inglês, o espanhol, e se não utilizarmos no nosso dia a dia, não tiver uma forma prática, ele cai em desuso e cai também no esquecimento.” (Rose)

Outro aluno reafirma que também aprende bastante na interação com os surdos, inclusive afirma que através deste contato direto pode vivenciar e aprender outro aspecto muito importante para a aprendizagem da LIBRAS, a expressão facial durante a realização dos sinais.

“Ah com eles também. Tanto a LIBRAS, como também aprender a se expressar dependendo da situação. Porque na LIBRAS você tem que saber expressar felicidade, tristeza, dor.” (Kaiky)

Patrícia deixa claro o quanto o contato direto com os surdos é fundamental e possibilita maior aprendizagem da língua, assim como das peculiaridades presentes em sua estrutura que por vezes só são percebidas quando há interação com o indivíduo surdo. Segundo Gesser (2012, p. 137)

“a interação com usuários da língua de sinais, em contextos cotidianos, é um fator relevante para o desenvolvimento e fluência na língua, mas é papel do professor garantir situações que permitam trabalhar esse aspecto também nas aulas, especialmente para que a cadência, a entonação, a ênfase, a velocidade, a continuidade e as regras conversacionais da LIBRAS sejam praticadas e adquiridas.”

“Aprendo mais com eles eu acredito, porque às vezes quando a Rose (professora de LIBRAS) está falando eu não reparo muito, porque às vezes estou prestando atenção na matéria, mas quando eu converso diretamente com eles (surdos), falando cara a cara, eu começo a aprender, eu pergunto pra eles sobre os sinais, várias coisas, tiro as dúvidas sobre o que eu preciso saber pra poder interagir cada vez mais com eles. Se afastar eu acho que não é uma coisa legal. Eu acho que se você está neste meio você tem que procurar ajudar, procurar aprender.” (Patrícia)

Ainda sobre o ensino da LIBRAS, temos um importante aspecto a considerar como a dimensão que esta vem assumindo na sociedade como um todo. Hoje em dia, inúmeras pessoas já possuem algum conhecimento sobre a LIBRAS, mesmo que seja somente aquele indicado na introdução de alguns programas de televisão, como por exemplo, indicando a idade mínima para a novela.

Quanto a divulgação da LIBRAS, a professora afirma que o ideal é ultrapassar os limites das instituições de ensino para alcançar repartições públicas, assim como, espaços diversos, possibilitando maior conhecimento e despertando o interesse da sociedade de um modo geral para a aprendizagem desta língua.

“Esta propagação é essencial não só aqui dentro da escola, que nós temos um trabalho constante, na recepção da escola, na portaria da escola, nos corredores com as moças da limpeza e também dentro da cantina, da escola, mas principalmente nós temos que ter esta propagação em hospitais, em repartições públicas, em qualquer ambiente em que esse surdo precise utilizar de informações dessa comunicação.” (Rose)

Neste cenário a professora cita Paulo Freire, validando o conhecimento como algo a ser disseminado a fim de que possam existir trocas significativas acerca de determinado assunto, neste caso sobre a aprendizagem de uma segunda língua em questão.

“Então eu acho que o mais marcante nesse aprendizado é o que o Paulo Freire fala que conhecimento, ele tem que ser divulgado, não pode ficar só com a pessoa assim como a troca desse conhecimento. Que a pessoa não se acomode com apenas um curso de LIBRAS, que busque conhecimento, que vá buscar essa comunidade surda, que ele procure saber na sua cidade se há a associação de surdos e se possível e tiver um tempo realmente destinar um pouquinho desse tempo inclusive para estar ajudando essa criança surda no aprendizado.” (Rose)

Dessa maneira, a professora de LIBRAS aponta sobre as vantagens acerca da aprendizagem da língua de sinais como segunda língua pelas pessoas ouvintes. Destaca que a

principal vantagem consiste na propagação desta língua não como um aprendizado obrigatório por conta da lei (decreto 5626), mas sim como instrumento de conscientização e, conseqüentemente, acesso a conhecimentos e características peculiares da comunidade surda por parte das pessoas ouvintes.

“Bom, vantagens são muitas, eu diria que são coisas essenciais para a propagação da LIBRAS, não só por conta da lei, mas também, a gente tem que pensar quanto a parte social, de sociedade, respeito a esse surdo, esse indivíduo surdo.” (Rose)

A seguir apontaremos a mudança de olhar dos alunos e professor ouvintes sobre a surdez e os surdos.

4.5 Desdobramentos do contato com a LIBRAS: “Se as pessoas conhecessem a história dos surdos, da língua de sinais, iriam aprender a gostar”

Dada a característica da entrevista semiestruturada realizada com os alunos ouvintes participantes da pesquisa, durante todas as conversas os entrevistados discorriam acerca de questões concernentes a língua de sinais e foram nestes momentos que a grande maioria dos participantes destacou aspectos marcantes sobre a familiarização, assim como aprendizagem da LIBRAS.

As impressões variaram desde estímulo para aprender cada vez mais esta língua, assim como vantagens percebidas neste processo, enfatizando a importância da propagação e aprendizagem da LIBRAS por mais pessoas.

As entrevistas mostraram que é a partir da LIBRAS que a interação entre surdos e ouvintes têm início.

“(...) a gente consegue ser amigo deles porque a partir da LIBRAS que a gente se comunica.” (Daniela)

“(...) A partir disso que a gente consegue também que eles consigam interagir com a gente, entendeu? Porque através da gente que eles conseguem saber o que o professor está falando, essas coisas, porque a gente ouve e passa pra eles em LIBRAS.” (Daniela)

No decorrer da entrevista, Daniela relata que conhecia a LIBRAS e que sentia vontade de aprender esta língua, porém ainda não havia encontrado pessoas aptas a ensinar-lhe a língua de sinais. Após o início de um maior contato com a LIBRAS e seus usuários afirma que aprende gradativamente novos aspectos da língua.

“Cada dia mais eu estou aprendendo com a LIBRAS. Eu já amava a LIBRAS entendeu? Quando eu via LIBRAS na minha frente eu já adorava, eu ficava vendo, mas só que eu queria aprender, mas não tinha pessoas que me ensinasse. Daí com esse curso eu aprendi, eu adoro a intérprete que tem aqui e com isso eu até brinco com eles de que como a gente está aprendendo assistente administrativo junto com a área de LIBRAS, eu falo que a gente deveria receber dois certificados, que é o de assistente administrativo e o de LIBRAS, só que eu só brinco também entendeu? Mas, só que é muito gostoso, porque com o passar do tempo a gente aprende várias coisas e a gente já está aprendendo a se comunicar sozinhos entendeu? De vez em quando a intérprete tem que sair pra atender alguma coisa, cinco minutinhos, aí a gente já consegue se comunicar, daí eles não ficam perdidos.” (Daniela)

Já Fábio, afirma que o contato com o indivíduo surdo foi algo novo em sua vida e que através da LIBRAS tal experiência apresentou-se positiva e muito significativa para que ele aprendesse outra língua e principalmente pudesse se comunicar com seu colega de sala surdo.

“Assim, pra mim no começo foi uma coisa nova porque eu não sabia como me comunicar com ele (surdo – José), tipo, ainda peço ajuda pra intérprete, mas pouco a pouco vou desenvolvendo por que ele senta do meu lado, então quando é alguma coisa pra ajudar eu já sei, mas o que eu não consigo, o que é mais profundo sim, eu peço pra ela (Rose – professora de LIBRAS) mas as coisas que eu já sei, que eu fui aprendendo no decorrer do tempo, eu já posso

me comunicar. Já sei falar 'oi', meu nome em LIBRAS. As coisas mais simples eu já sei falar com ele.” (Fábio)

Ressalta ainda que acredita ser muito importante a aprendizagem desta língua por pessoas ouvintes a fim de auxiliar na comunicação e inserção social dos surdos em diversos contextos.

“Sim, muito importante porque imagine só: você está em um lugar em que 30% são surdos, como você iria se comunicar com essas pessoas? Não tem como você ficar totalmente pedindo ajuda para os outros, então o importante é você saber pelo menos o básico desta língua.” (Fábio)

Os sujeitos da pesquisa demonstram entender que os surdos apresentam as mesmas possibilidades e capacidades que uma pessoa ouvinte e, ainda, segundo Kaiky o conhecimento de toda a trajetória dos surdos, assim como a aprendizagem da LIBRAS possibilita maior conscientização sobre a surdez e o surdo.

“Eu acho que esse curso faz com que a gente aprenda e sinta mais carinho pelo próximo, aprende a dar valor pra tudo que a gente tem. Falando sobre a LIBRAS é bom poder conversar com os amigos surdos, saber como eles estão. Tudo aqui pra mim está sendo muito bom, muito gratificante.” (Kaiky)

Patrícia demonstra ter opinião semelhante a do colega Kaiky, visto que também acredita que o conhecimento da LIBRAS torna a pessoa apta a auxiliar outras pessoas inclusive surdos e poder interagir com eles através da língua de sinais.

“Está sendo muito legal, é uma aprendizagem que você sente especial de saber por poder ajudar o próximo, porque não é todo mundo que sabe (LIBRAS), é uma massa bem limitada que tem o conhecimento da LIBRAS e você encontrar um surdo e conseguir falar e interagir com ele é uma coisa maravilhosa.” (Patrícia)

A importância da propagação da LIBRAS em diversos contextos sociais inclusive no ambiente escolar, também é apontada por Patrícia.

“(...) Eu acho que toda escola, todo professor, todo educador deveria ter pelo menos um curso básico de LIBRAS, porque eu já vi vários casos inclusive de escola pública que nem o ouvinte consegue aprender direito quem dirá o surdo. E isso é uma coisa muito crítica aqui no Brasil, uma coisa muito precária, algumas vezes os pais deixam de matricular seu filho surdo na escola por saber que esta não possui especialização neste caso, a escola não oferece estes cursos para os professores. Então, muitas vezes, o surdo é deixado de lado, fica excluído da aula por conta deste problema. Eu acho que seria essencial a aprendizagem de LIBRAS tanto nas escolas, no trabalho e em outros espaços.”(Patrícia)

Já no caso de Ivan, a presença de alunos surdos em sala de aula alterou completamente sua visão acerca destes sujeitos e de pessoas com deficiência, de maneira que o mesmo se interessou prontamente em aprender LIBRAS e atualmente já consegue transmitir aos surdos alguns conteúdos em língua de sinais sem auxílio da professora.

“Pra finalizar, uma coisa que eu sempre falo depois que eu comecei a trabalhar com pessoas deficientes, no caso aqui, nós estamos falando do surdo, porque eu trabalho com deficiente físico, auditivo e surdo e eu sempre falo que o maior ganho pra quem trabalha com essas pessoas é perceber que na verdade eles precisam de condições adequadas pra eles e oportunidades, assim como pra todos nós. Eles têm o potencial, a gente só precisa identificar o problema, a necessidade diferente que ele (indivíduo) tem e passar de uma forma diferente que eles vão conseguir aprender. O maior ganho é a gente não conseguir mais enxergar a deficiência. Eu hoje entro na sala de aula, eu convivo com cadeirante, com alunos que não tem um membro, com surdo e é tão normal, é tão gostoso conviver com eles e aquilo ali ser uma coisa tão natural. Eu até esqueço que eles são surdos, eu acho que esse é o maior ganho que a gente tem, porque eu acho que a maioria das pessoas mesmo que não por mal, têm uma certa rejeição, vê um deficiente físico tem até medo de chegar perto, vê um surdo quer sentar do outro lado no ônibus, não quer sentar do lado. E isso não tem nada a ver, é muito gostoso, o maior

ganho que eu tive no meu caso é de não enxergar mais a deficiência e não enxergar problema, isso é muito importante, enxergar solução. Não adianta olhar pra um surdo e enxergar um problema nele pra dar aula, eu tenho que olhar pro surdo e pensar numa solução pra ele aprender durante a aula, eu acho que esse é o foco, isso que mudou na minha visão em conviver com eles. Eu acho que todo mundo deveria ter essa experiência, faz bem, a gente muda como pessoa. Eu acho que se pudesse fechar falando sobre isso, eu acho que foi o mais importante pra mim, no meu caso como professor.”(Ivan)

Outro trecho complementar é o da aluna Carolina, que, assim como as pessoas que desconhecem a surdez e os surdos tinha o preconceito de achar que os surdos apresentam capacidade intelectual inferior em relação às pessoas ouvintes.

No entanto, após o convívio com estes indivíduos e com a LIBRAS, Carolina afirma que os surdos apresentam as mesmas possibilidades de desenvolvimento de uma pessoa ouvinte desde que estejam em situação adequada para o desenvolvimento linguístico cognitivo.

“(…) no começo eu achei que eles teriam mais dificuldade do que a gente pra aprender, pra se comunicar mesmo um com o outro porque aqui é assim, a gente faz grupos e daí o professor coloca todo mundo misturado, por exemplo, dois ouvintes com três surdos, pra trocar informações. Porque têm coisas que eles são bem mais espertos que a gente. Mas é tudo sempre junto, nada separado. E eu fui conhecendo os sinais e está sendo bom pra mim, porque futuramente eu posso conversar com outros surdos sem nenhuma dificuldade. E eu posso divulgar os sinais por onde eu for, vou levar comigo.” (Carolina)

Patrícia afirma ainda que, sem a língua de sinais surdos e ouvintes poderiam ter uma aproximação, no entanto seria algo bem limitado devido a falta de uma língua em comum, daí a importância da aprendizagem de LIBRAS por pessoas ouvintes.

“Eu acredito que seria possível uma aproximação, mas de uma forma limitada, através de gestos criados por nós ouvintes, escrita, eu acho que seria através destas maneiras, mas seria uma coisa chata eu diria. Uma coisa que eu ficaria cansada de conversar com ele (surdo) e ele

ficaria cansado de conversar comigo, porque nenhum dos dois ia conseguir interagir. E eu acho que a língua é essencial pra ter o contato mesmo.” (Patrícia)

Gabriela explicita, também que a aprendizagem da LIBRAS facilitou não somente a comunicação em sala de aula assim como proporcionou maior interação entre todos os alunos, surdos e ouvintes.

“Ah facilitou sim. E nesta sala tem mais ouvintes do que surdos, então, eu acho que eles não têm que ficar excluídos porque os mesmos direitos que a gente tem eles também têm. Direitos iguais, ninguém é melhor que ninguém. Ouvintes e surdos têm que aprender da mesma forma.” (Gabriela)

Fica evidente, portanto que o contato direto com indivíduos surdos e com a LIBRAS despertou a vontade de aprender mais a fundo a língua de sinais, ou seja, a iniciativa da professora de LIBRAS de inserir momentos de aprendizagem da língua em uma determinada disciplina do curso devido a presença de indivíduos surdos em sala de aula contribuiu para que os alunos ouvintes fossem além e procurassem cursos específicos de LIBRAS a fim de aprender esta língua de maneira plena, como podemos ver nos depoimentos abaixo.

“Foi muito bom porque como tem um surdo na sala, eu sempre tenho vontade de ‘comunicar’ com ele, aí, durante todas as terças-feiras nas aulas de comunicação a Rose sempre dá um apoio pra comunicar com o José. Então, acabei me interessando e agora estou fazendo o curso. Fiz o básico, daí amanhã começa o segundo módulo.” (Carolina)

“Então, com o curso que eu estou fazendo de sábado está ajudando bastante, estou me qualificando também pra comunicar com os surdos, como tem bastante surdo também, então é melhor pra se comunicar com eles. Eles querem falar, se comunicar com a gente, então saber a LIBRAS, pelo menos o básico, já ajuda bastante.” (Carolina)

É interessante perceber também que alguns alunos, após o maior contato e aprendizagem da LIBRAS, já demonstraram interesse em dar continuidade a este estudo de maneira a se tornarem pessoas especializadas no assunto ao mesmo tempo que divulgam esta língua para um número cada vez maior de pessoas e lugares.

“Depois que eu comecei a conhecer a LIBRAS, eu comecei a me interessar muito pelo assunto, quero realmente aprender cada dia mais pra poder fazer a diferença neste país em que muitas pessoas não se importam em aprender esta língua e auxiliar o próximo. E eu quero realmente aprender, pra fazer a diferença e conseguir ajudar mais pessoas no futuro. Pretendo fazer faculdade de Letras para me especializar nesta língua (LIBRAS) e conseguir ajudar não só eles (surdos), assim como todas as pessoas que necessitam.” (Patrícia)

Com base na discussão acima, observamos que o contato com a língua de sinais e com os surdos transforma o olhar do ouvinte, “quebra o gelo” e rompe com preconceitos e mitos que se estabelecem na interação ouvintes e surdos.

5. Conclusão

A pesquisa traz então a realidade de uma Escola Técnica, SENAI localizada em uma cidade do interior do Estado de São Paulo em relação à inserção dos surdos no ensino regular e no mercado de trabalho, propiciando possibilidades de acesso à língua de sinais por ouvintes e alunos surdos não falantes desta língua.

Vale considerar que apesar de não se ter formado uma turma para o curso de LIBRAS, o que seria uma situação ideal, o contexto de ensino da língua foi viável. Embora o tempo dispensado para as atividades fosse somente de vinte a trinta minutos, tempo bastante reduzido, porém suficiente para motivar os alunos e propiciar maior interação entre professores, alunos ouvintes e alunos surdos.

Os dados coletados mostram o grande esforço por parte do professor do curso de aperfeiçoamento, assim como da intérprete/professora de LIBRAS em propiciar contexto linguístico para o uso da língua de sinais. Houve também disponibilidade da instituição de ensino, flexibilizando o contexto educacional e atendendo a solicitação dos alunos e professores.

Assim como dito acima, este contexto não se configura como modelo ideal para o processo de aprendizagem da LIBRAS até mesmo pela falta de aulas mais estruturadas e material didático específico para este ensino, mesmo assim, vale ressaltar a iniciativa da professora juntamente a instituição em garantir de alguma maneira que estes indivíduos, surdos, pudessem ter acesso aos conhecimentos transmitidos com base na língua de sinais, assim como oferecer oportunidades para que os ouvintes também pudessem aprender a língua.

A pesquisa mostra também que este contexto possibilitou o acesso à língua de sinais não somente por pessoas ouvintes assim como por alguns surdos que ainda desconheciam a LIBRAS.

Desde o início, este ensino foi pautado primeiramente na importância do entendimento do termo surdez em seu sentido amplo reconhecendo aspectos culturais e de identidade dos indivíduos pertencentes a esta comunidade.

Neste caso, o contato com surdos torna-se essencial a fim de possibilitar a desmitificação da surdez e quebra de determinados preconceitos em relação a estes sujeitos como, por exemplo, certo temor muitas vezes manifestado devido à falta de uma língua em comum, assim como a ideia de inferioridade, inclusive em relação a aspectos cognitivos.

Este contato foi destacado como sendo relevante também no sentido de contribuir para uma maior conscientização acerca da importância da língua de sinais em meio à sociedade, favorecendo a legitimação da mesma por diversas pessoas em diferentes contextos.

Os resultados mostram que os sujeitos participantes da pesquisa apontaram inúmeras dificuldades no aprendizado da LIBRAS, tais como: memorização dos sinais e ainda manter um diálogo nesta língua com certa fluência. Eles percebem que para ter fluência na língua precisa manter a convivência com os surdos e sempre investir neste aprendizado. Este entendimento só acontece na medida em que os ouvintes interessados se colocam disponíveis e persistentes para o aprendizado da LIBRAS.

Tal fato nos aponta sobre a importância de se investir em cursos de LIBRAS para professores e também no mercado de trabalho e que um semestre de curso, o que geralmente acontece nos cursos de graduação, não é suficiente para se ter fluência na LIBRAS. É necessário entender que a LIBRAS é uma língua natural e que se leva tempo para o aprendizado de uma segunda língua, ter noções básicas não garante fluência.

Alguns aspectos de ordem gramatical também foram apontados pelos sujeitos da pesquisa como, por exemplo, a maior dificuldade na compreensão de sinais considerados arbitrários descritos por Quadros e Karnopp(2004).

Mesmo assim, afirmam que tais implicações não inviabilizam o aprendizado da língua de sinais. De acordo com Gesser (2012), o tempo de contato e aprendizagem da LIBRAS é responsável, mesmo que em níveis diferentes, por esta fluência na língua de sinais.

A aprendizagem da LIBRAS depende também de elevado empenho cognitivo do aprendiz ouvinte, principalmente por tratar-se de uma língua viso-gestual, envolvendo, portanto outros movimentos de funcionamento em relação a aquisição de uma língua oral.

Através do estudo, foi possível perceber que as pessoas que já possuem contato com surdos apresentam maior familiaridade, inclusive no uso de habilidades específicas da LIBRAS como, por exemplo, a expressão facial.

Vale ressaltar também que todos os participantes demonstraram grande interesse e motivação para participar das aulas de língua de sinais. Esta motivação pode ser despertada de inúmeras maneiras, inclusive por meio de um trabalho contextualizado que traga para a sala de aula o cotidiano dos alunos. A professora responsável teve forte atuação para o despertar dos

alunos ouvintes no aprendizado desta língua, pois a forma de ensino, de maneira lúdica e dinâmica, foi considerada aprovada pelos alunos e de acordo com os mesmos favoreceu a aprendizagem da LIBRAS de maneira contextualizada, possibilitando maior entendimento da língua, assim como dos sinais e seus respectivos significados.

A postura da professora em sala de aula, com atividades dinâmicas e aulas contextualizadas, favoreceu um maior interesse por parte dos ouvintes na aprendizagem da LIBRAS. Este estímulo possibilitou que esta aprendizagem não ficasse limitada apenas ao espaço da escola técnica de maneira que alguns alunos buscaram, por conta própria, cursos específicos de LIBRAS a fim de aprimorar este conhecimento. Alguns outros alunos também demonstraram interesse em dar continuidade a estudos na área da surdez, exercendo inclusive a função de intérprete de LIBRAS.

A professora buscava ainda formas efetivas de contextualizar o ensino, convidando surdos para a realização de dinâmicas na sala de aula, embora neste contexto de ensino os ouvintes já estavam em contato com colegas surdos.

A interação surdo/ouvinte, fator este apontado tanto pela professora de LIBRAS, assim como pelos participantes da pesquisa, assume papel decisivo para a aprendizagem da língua de sinais. Neste caso, é papel do professor elaborar atividades que envolvam o uso desta língua em situações reais de interação.

Através dos relatos apresentados fica evidente a necessidade de uma conscientização sobre indivíduo e comunidade surda para que a pessoa ouvinte, interessada em aprender a língua de sinais compreenda a origem, assim como as peculiaridades desta língua e de seus usuários e possa assimilar a LIBRAS de maneira satisfatória.

Foi possível constatar com a pesquisa que a inserção da intérprete/professora de língua de sinais na sala de aula contribuiu tanto para o acesso ao conteúdo escolar por parte dos surdos, assim como o envolvimento e ensino dos ouvintes da LIBRAS. Os ouvintes observavam a intérprete na sua atuação e buscavam aprendizado nesta atuação. A pesquisa mostra então que é viável a interação surdo/ouvinte em contexto de cursos de aperfeiçoamento e no mercado de trabalho, motivando os aprendizes a matricularem-se em cursos de LIBRAS, favorecendo cada vez mais a aprendizagem da língua e divulgando a mesma em diferentes contextos sociais.

A pesquisa aponta ainda que o contato com os surdos e sua língua propicia uma mudança de olhar acerca da surdez pelos ouvintes. Esta mudança torna-se essencial para que os mesmos tenham consciência da importância desta língua em meio à sociedade majoritária, possibilitando o reconhecimento da surdez como diferença.

Sabemos que ainda há muito a ser feito neste sentido, por exemplo, a empresa parceiro SENAI, que oferece estágios para os alunos, não realizou tal inserção apenas por iniciativa própria, esta inclusão acontece também levando em conta questões políticas e burocráticas, inclusive em decorrência da lei de cotas estabelecida para as empresas.

De qualquer forma, o mercado de trabalho se vê obrigado a inserir os surdos neste contexto e de certa forma, começa a atender as necessidades desta demanda. Podemos considerar que o ensino de LIBRAS em escolas técnicas e a solicitação de intérpretes de LIBRAS nas empresas nos apontam um novo panorama na inclusão de surdos na sociedade.

É visível que a questão da inclusão vem sendo cada vez mais discutida por órgãos competentes no sentido de maximizar as oportunidades de acesso destas pessoas em diversos contextos, sejam eles referentes a questões de estudo ou trabalho. O ideal é que tais iniciativas não fiquem limitadas apenas ao discurso, mas que possam ser percebidas em ações mais concretas.

Sob a perspectiva da inclusão, a pesquisa contribuiu para uma melhor compreensão do ser surdo e da surdez, possibilitando a aprendizagem da língua de sinais por ouvintes mesmo que em contexto de ensino dito informal, semelhante ao cenário da instituição observada. O estudo é relevante, portanto no sentido de ampliar e divulgar estas possibilidades de ensino de segunda língua e de reconhecimento da mesma pela sociedade majoritária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70; 2011.

BRASIL. **Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.presidencia.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm>. Acesso em: 25 maio 2012.

BRASIL. **Lei nº 8.213 de 24 de julho de 1991**. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812BCB2790012BCF9D75166284/inclusao_pessoas_defi12_07.pdf>. Acesso em: 23 maio 2012.

BOLOGNINI, C. Z. **A aquisição de uma segunda língua por crianças: um estudo sócio-interacionista**. [dissertação] Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas; 1985.

CAVALCANTI, M. C. e Silva, I. “Já que ele não fala, podia ao menos escrever...: O grafocentrismo naturalizado que insiste em normalizar o surdo”. In: Kleiman, A. B./Cavalcanti, M. C. (orgs). **Linguística aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras; 2007.

FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na educação bilíngüe para surdos**. Curitiba: SEED; 2006.

FERREIRA BRITO, L. F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1995.

GERALDI, J.W. **Portos de passagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes; 1993.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS**. 1. ed. São Paulo: Parábola editorial; 2012.

GESUELI, Z. M. **Linguagem e surdez: questões de identidade**. v. 26. Horizontes (EDUSF); 2008.p. 63-72.

GÓES, MCR. **Linguagem, Surdez e Educação**.(Coleção Educação Contemporânea)Campinas, SP: Autores Associados; 1996.

HARRISON, K.M.P. O momento do diagnóstico de surdez e as possibilidades de encaminhamento. In: Lacerda, C.B.F.; Nakamura, H.; Lima, M.C. (Org.). **Fonoaudiologia: surdez e abordagem bilíngüe**. São Paulo: Plexus; 2000. p. 114-122.

LACERDA, C. B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Caderno do Cedes, Campinas, v. 19, n. 46, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621998000300007&lng=en&nr=iso>. Acesso em: 18 abril 2012.

MAHER, T. M. A Educação do Entorno para a Interculturalidade e o Plurilingüismo. In: Kleiman, A. B./Cavalcanti, M. C. (orgs). **Linguística aplicada: suas faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras; 2007. p. 255 – 270.

MARTINELLI, (org.) Maria Lúcia. **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**.(Série Núcleo de Pesquisa; 1). São Paulo: Veras Editora, 1999.

MINAYO, M. C. (org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

QUADROS, Ronice Muller. Karnopp, L. B. **Língua Brasileira de Sinais: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SANCHEZ, C. **Educação Especial: vida para surdos!** Revista Nova Escola. Ano VIII. Número 69. SP. Fundação Victor Civita. Setembro de 1993, p. 32-36.

SANTANA, A. P. **Surdez e Linguagem: Aspectos e implicações neurolinguísticas**. São Paulo, SP: Plexus, 2007.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-históricasobre a psicologia e a educação dos surdos. In:____ (Org). **Educação e exclusão: Abordagens sócio-antropológicas em Educação Especial**. Porto Alegre, RS: Mediação, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**.2. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

Anexo A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, _____, RG: _____, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário (a) da pesquisa: “*O ensino de LIBRAS em um contexto de escola técnica: o que pensam as pessoas ouvintes*”, sob a responsabilidade da pesquisadora Profa. Dra. Zilda Maria Gesueli e da aluna/pesquisadora Mariana Rodrigues Bressan. Esta pesquisa tem como objetivo observar o processo de ensino-aprendizagem da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como segunda língua por pessoas ouvintes. Dessa forma, a sua participação consiste em responder uma entrevista semiestruturada que será registrada por escrito, sobre a aceitação e assimilação da LIBRAS assim como autorizar a realização de observações pelo pesquisador durante as aulas de LIBRAS ministradas na escola técnica Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) para fins de estudo, pesquisa e/ou divulgação científica, respeitando o sigilo e a privacidade a qualquer momento, sem que isso comprometa o andamento da aula. Assim como a realização de gravações de som, imagem e/ou fotografias em alguns períodos do estudo.

Será garantido ainda o direito de interromper sua participação neste estudo, sem prejuízo nas atividades realizadas no curso de LIBRAS. Vale esclarecer que a pesquisa não terá nenhum ônus e também nenhum benefício financeiro aos sujeitos. Todos os participantes da pesquisa terão cópias deste termo assinado, como previsto na Resolução CNS/MS 196/96. Poderão ser solicitados, em qualquer momento, esclarecimentos sobre a pesquisa e para isso, os pesquisadores poderão ser contatados pelo telefone (19) 3521-8805. O Comitê de Ética em Pesquisa da Unicamp pelo telefone: (19) 3521-8936, poderá ser consultado em caso de denúncia. Fui esclarecido sobre o estudo, e concordo em participar da pesquisa.

Campinas, ____ de _____ de 2012.

Assinatura do Participante

Assinatura da Pesquisadora
Zilda Maria Gesueli
zgesueli@fcm.unicamp.br

Assinatura da Aluna/Pesquisadora
Mariana Rodrigues Bressan
mbressan@fcm.unicamp.br

Anexo B

ENTREVISTA COM A PROFISSIONAL ENVOLVIDA COM A PESQUISA

- Quais as dificuldades encontradas durante o processo de ensino da Língua Brasileira de Sinais como segunda língua para pessoas ouvintes?
- Quais as vantagens proporcionadas por esta aprendizagem em relação a inserção e propagação da LIBRAS em diversos contextos sociais?
- Quais os aspectos mais marcantes acerca do processo de aprendizagem da LIBRAS como segunda língua pelas pessoas ouvintes?

Anexo C

ENTREVISTA COM OS ALUNOS OUVINTES

- O que você achou de aprender a Língua Brasileira de Sinais como segunda língua?
- Quais as dificuldades que você encontrou durante esta aprendizagem?
- Você considera esta forma de ensino da LIBRAS adequada para pessoas ouvintes?